

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

LÍVIA COSTA DE OLIVEIRA

**GRUPO ÁPEIRON:
Uma ginástica entre o esporte e a arte**

Campinas
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP

OL4g Oliveira, Livia Costa de.
Grupo Ápeiron: uma ginástica entre o esporte e a arte / Livia Costa de Oliveira. - Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto, Giovanna Regina Sarôa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. História. 2. Ginástica rítmica. 3. Ginástica Geral. I. Bortoleto, Marco Antonio Coelho. II. Sarôa, Giovanna Regina. III. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. IV. Título.

asm/fef

Título em inglês: Ápeiron: a gymnastic between sport and art.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): History; Rythmic Gymnastic; General Gymnastic.

Banca Examinadora: Giovanna Regina Sarôa, Marco Antonio Coelho Bortoleto, Odilon Roble.

Data da defesa: 22/06/2010.

LÍVIA COSTA DE OLIVEIRA

GRUPO ÁPEIRON:
Uma ginástica entre o esporte e a arte

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

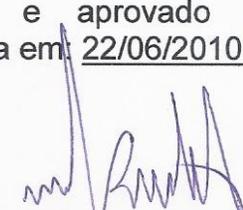
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto
Co-Orientador: Prof^a. M^a. Giovanna Regina Sarôa

Campinas
2010

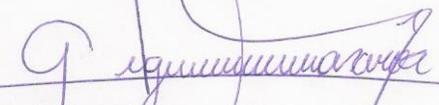
LÍVIA COSTA DE OLIVEIRA

GRUPO ÁPEIRON:
Uma ginástica entre o esporte e a arte

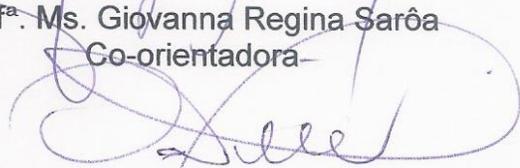
Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Livia Costa de Oliveira e aprovado pela Comissão julgadora em: 22/06/2010.



Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto
Orientador



Prof.^a Ms. Giovanna Regina Sarôa
Co-orientadora



Prof. Dr. Odilon José Roble

“Os espelhos são usados para ver o rosto. A arte, para ver a alma.”
(George Bernard Shaw – escritor irlandês, vencedor do Prêmio Nobel de
Literatura em 1925)

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus pais, **Márcio** e **Denise**, e ao meu irmão, **Thiago** - meus grandes exemplos - por todo o apoio, paciência e amor incondicional.

Agradeço ao **Tchelo**, meu namorado e grande companheiro, por me compreender e tornar meus dias mais felizes, sonhando a vida ao meu lado.

Ao **Marco**, por sua orientação, amizade e paciência e também, por acreditar na importância do registro desta história.

Às meninas da FEF (06), ou melhor, as “Kit Girls” **Debão, Fernandinha, Natis, She-ha, Carol, Má Ramos, Teresa, Rebs, Nayla e Lú**, pela amizade incomparável e pelas eternas loucuras.

Àqueles que me cederam seu tempo e depoimentos, colaborando para o desenvolvimento deste trabalho: **Gica, Didi, Paula Bíglio, Marília Mendonça, Maria Isabel Mandaji, Camila Wan Dick, Priscilla Silva, Luana Lucas, Luiza Rodrigues, Ivanise Maldonade e Melissa Vosgrau.**

À **Giovanna Sarôa**, por me ensinar a caminhar no mundo da ginástica e me acompanhar nesta trajetória.

Às atuais integrantes do Grupo Ápeiron, minhas grandes irmãs e sonhadoras incorrigíveis: **Nayara (Méris), Lú (Filhote), Morango, Luana, Lí Penonne, Mel, Carol D., Carol M., Pri e Thá**; e a todas as outras ginastas que passaram pelo Grupo. Obrigada por cada segundo.

E, finalmente, meus sinceros agradecimentos a todos que participaram desta jornada, cooperando direta ou indiretamente para a construção desta história.

OLIVEIRA, Livia Costa de. **Grupo Ápeiron**: uma ginástica entre o esporte e a arte. 2010. 104f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RESUMO

O Grupo Ápeiron, liderado pela professora Giovanna Sarôa, trata-se de um conjunto de garotas que iniciou sua jornada em 1996, como Equipe de Ginástica Rítmica do Clube Cultura, em Campinas, participando de diversas competições na categoria não-federada e exibindo, entre suas componentes, alguns destaques da modalidade. Entretanto, nos anos seguintes, diante da desmotivação das ginastas com o universo competitivo da ginástica, a equipe decidiu dedicar-se à Ginástica para Todos (ou Ginástica Geral), tornando a prática mais livre e inclusiva, somando ao seu conhecimento técnico elementos de diferentes áreas, tais como a Dança, o Circo, o Teatro, a Capoeira, entre outros. Este trabalho busca descrever a trajetória deste grupo, de suas integrantes, suas viagens, vitórias e frustrações, utilizando para isso, a análise iconográfica e documental, bem como um estudo de campo junto a algumas pessoas importantes na história do grupo, entre elas ginastas, ex-ginastas, técnica, ex-técnica, pais de integrantes e outros protagonistas. Com este registro, pretendemos ainda compreender como o grupo permaneceu durante anos entre a abordagem técnica da ginástica competitiva e a ousadia da arte, mantendo-se ativo até os dias de hoje e, quais são seus objetivos e desafios para o futuro. Esperamos, ademais, instigar outros grupos, não importa qual seja a modalidade praticada, a registrarem sua própria empreitada, exibindo suas ideias e anseios e, desta forma, contribuindo para uma memória da ginástica.

Palavras-Chaves: História, Ginástica Rítmica, Ginástica Geral.

OLIVEIRA, Livia Costa de. **Ápeiron**: a gymnastic between sport and art. 2010. 104f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ABSTRACT

The Ápeiron Group, led by the teacher Giovanna Sarôa, is a group of girls which began its journey in 1996, as the Clube Cultura's Rhythmic Gymnastics Team, in Campinas, participating in various competitions in the non-federated category and showing among its members some talents in gymnastics. However, in the following years, face the group's lack of motivation in the competitive world of gymnastics, the team decided to change its focus to Gymnastics for All (or General Gymnastics), turning its practice into an open and inclusive experience, adding to its technical knowledge elements of different areas, such as Dance, Circus, Theatre, Capoeira, among others. This work describes the history of a group, its members, their travels, victories and frustrations, based on the analysis of documents and photos and interviews with relevant people in this journey, such as gymnasts, ex-gymnasts, coach, ex-coach, relatives of members and others. This register intend to understand how this group remained for years between the technical approach of competitive gymnastics and the daring art, remaining active until the present day and glimpsing new goals for the future. It also aims instigate other groups, no matter what the modality practiced, to register their own works, presenting their ideas and desires, and thus contributing to a collection of great histories.

Keywords: History, Rhythmic Gymnastics, General Gymnastic.

Lista de Figuras

Figura 1: Giovanna Sarôa	14
Figura 2: Coreografia “Terra” (Simmetria Festival), 2004	15
Figura 3: Concentração das integrantes para espetáculo “ELA”, 2008	17
Figura 4: Treino na sede de campo do Clube Semanal de Cultura Artística	18
Figura 5: Coreografia “Elástico” (Ensaio geral do espetáculo “ELA”), 2008	19
Figura 6: Concentração para coreografia “Odisséia” (Festival Landsstævne – Bornholm, Dinamarca) ,2002	21
Figura 7: Coreografia “Bicho de Sete Cabeças” (Festival Del Sole – Riccione, Itália) 2002	22
Figura 8: Giovanna Sarôa e Camila Wan Dick – Troféu São Paulo de G.R, 2000	23
Figura 9: Giovanna Sarôa, Priscilla Silva e Ivanise Maldonade	23
Figura 10: Equipe de G.R do Clube Semanal de Cultura Artística, 2001	25
Figura 11: Layra Pinto e Luciana Silva 1996	27
Figura 12: Equipe de G.R do Clube Semanal de Cultura Artística, 1997	29
Figura 13: Reportagem do jornal Correio Popular, 2000	31
Figura 14: Equipe na Copa Cultura de Ginástica Rítmica, 2003	35
Figura 15: Equipe no Troféu São Paulo de G.R, 2000	37
Figura 16: A ginasta (ex- integrante do Grupo) Marina Vieira	38
Figura 17: Equipe no SESC Campinas, 2001	38
Figura 18: Logotipo da Equipe para viagem à Europa	39
Figura 19: Reportagem da revista A Voz do Cultura, 2002	39
Figura 20: Crachá do Festival Landsstævne (2002)	40
Figura 21: Ginastas comemorando o pentacampeonato brasileiro no Hotel La Baita (Riccione – Itália), 2002	43
Figura 22: Pôster do Festival Del Sole (2002)	44
Figura 23: Passagem aérea (Roma-Barcelona)	45
Figura 24: Foto de Mayara Reis em jornal dinamarquês (2002)	46
Figura 25: Festival Landsstævne (Bornholm – Dinamarca), 2002	47
Figura 26: Recepção das ginastas no Aeroporto de Cumbica, 2002	47
Figura 27: Ginastas dormindo no aeroporto El Prat (Barcelona – Espanha)	48
Figura 28: Ginastas no Festival Del Sole, 2002	48
Figura 29: Ginastas no SESC Bertioiga, 2005	50
Figura 30: Ginastas maquiadas para a coreografia “Odisséia”, 2004	52

Figura 31: Ginastas em Curitiba – PR, 2005	52
Figura 32: Concentração para apresentação na Cia Athletica (Unidade Campinas)	52
Figura 33: Grupo Ápeiron (Florianópolis – SC), 2009	52
Figura 34: Certificado do I Mercosul Internacional Gym Festival (2001)	53
Figura 35: Certificado do Fórum Internacional de Ginástica Geral (2001)	54
Figura 36: Certificado do III Fórum Internacional de Ginástica Geral (2005)	55
Figura 37: Apresentação no evento “Planeta Elástico” (SESC Campinas), 2007	56
Figura 38: Ginastas em Curitiba PR, 2005	60
Figura 39: Ginastas na sede social do Clube Semanal de Cultura Artística, 2001	61
Figura 40: Coreografia “Fogo” no Curitiba International Cup, 2005	62
Figura 41: Coreografia “Água” (Simmetria Festival), 2004	62
Figura 42: Giovanna S. e Luciana L.- Copa Cultura, 2005	63
Figura 43: Equipe e pré-equipe de G.R na Copa Cultura de Ginástica Rítmica, 2005	63
Figura 44: Grupo Ápeiron na Cia. Athletica (Unidade Campinas), 2008	65
Figura 45: Treino na Cia Athletica (Unidade Campinas), 2008	67
Figura 46: Equipe no Clube Semanal de Cultura Artística com o figurino da coreografia “Tango”, 2004	67
Figura 47: Coreografia “Bicho de Sete Cabeças” (Simmetria Festival), 2004	68
Figura 48: Coreografia “Fogo” (Simmetria Festival), 2004	69
Figura 49: Coreografia “Aislin” (Simmetria Festival), 2004	70
Figura 50: Coreografia “Quinteto” (Espetáculo “FLUXO”), 2006	71
Figura 51: Coreografia “Odisséia” (Espetáculo “FLUXO”), 2006	71
Figura 52: Trapézio Triplo (Espetáculo “FLUXO”), 2006	73
Figura 53: Folder do Espetáculo “FLUXO”	74
Figura 54: Folder do Espetáculo “ELA”	75
Figura 55: Ingresso do Espetáculo “ELA” (Teatro TIM)	76
Figura 56: Coreografia “Sedução” (Espetáculo “ELA”), 2008	78
Figura 57: Coreografia “Submissão” (Espetáculo “ELA”), 2008	79
Figura 58: Coreografia “Cinco Aparelhos”, 1997	82
Figura 59: Coreografia “Pára-Quedas”, 1998	82
Figura 60: Coreografia “Odisséia” (Simmetria Festival), 2004	83
Figura 61: Coreografia “Tango” (Simmetria Festival), 2004	84
Figura 62: Coreografia “Água” (Simmetria Festival), 2004	84
Figura 63: Coreografia “Conexão” (Simmetria Festival), 2004	84
Figura 64: Coreografia “Quinteto de Fitas” (Simmetria Festival), 2004	87
Figura 65: Coreografia “Aislin” (Simmetria Festival), 2004	88
Figura 66: Coreografia “Cajon” (IV Fórum Internacional de Ginástica Geral), 2007	89
Figura 67: Coreografia “Insensatez” (Espetáculo “ELA”), 2008	89
Figura 68: Coreografia “Elástico” (Espetáculo “FLUXO”), 2006	91
Figura 69: Coreografia “Fluência” (Espetáculo FLUXO), 2006	91

Figura 70: Coreografia “Última Improvisação” (Espetáculo “FLUXO”), 2006	91
Figura 71: Coreografia “Pandora” (Espetáculo “ELA”), 2008	92
Figura 72: Coreografia “Cotidiano” (Espetáculo “ELA”), 2008	92
Figura 73: Coreografia “Gestação” (Espetáculo “ELA”), 2008	93
Figura 74: Coreografia “Inocência” (Espetáculo “ELA”), 2008	93
Figura 75: Coreografia “Plenitude” (Espetáculo “ELA”), 2008	95
Figura 76: Coreografia “Amadurecimento” (Espetáculo “ELA”), 2008	95
Figura 77: Coreografia “Terra” (III Fórum Internacional de Ginástica Geral), 2005	97
Figura 78: Apresentação nas Olimpíadas da Cia. Athletica (Unidade Campinas), 2008	98
Figura 79: Equipe de G.R do Clube Semanal de Cultura Artística, 1999	100
Figura 80: Grupo Ápeiron no resort Costão do Santinho (Florianópolis – SC), 2009	100
Figura 81: Ginastas em Curitiba – PR, 2005	100
Figura 82: Aquecimento para a coreografia “Odisséia” (Festival Del Sole), 2002	100
Figura 83: Coreografia “Ciclo” (Espetáculo “ELA”), 2008	102
Figura 84: Coreografia “Bachianas” (Espetáculo “FLUXO”), 2006	102
Figura 85: Encerramento do Espetáculo “ELA”, 2008	102

Lista de Siglas e Abreviaturas

APESEC – Associação dos Presidentes de Entidades Sociais e Esportivas de Campinas

DGI – Danske Gymnastik og Idræts Foreninger

ENCEF – Encontro Nacional Corpo e Educação Física

FaEFi – Faculdade de Educação Física da PUC – Campinas

FEF – Faculdade de Educação Física

FIG – Federação Internacional de Ginástica

G.A – Ginástica Artística

G.G – Ginástica Geral

G.G.U – Grupo Ginástico Unicamp

G.R – Ginástica Rítmica

G.R.D – Ginástica Rítmica Desportiva

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

OLIMPESEC – Olimpíadas da APESEC

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SESC – Serviço Social do Comércio

SESI – Serviço Social da Indústria

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1	Antes de tudo	14
2	Um ponto de partida	15
3	Motivos e razões	18
4	Buscando um olhar, um caminho, um método	19
5	Primeiras impressões	24
6	Ginástica Rítmica	26
7	O continente europeu	39
8	Ginástica Geral	49
9	Eternas raízes	61
10	Impactos	64
11	Festivais e espetáculos	68
12	Coreografias	80
13	Influências	96
14	Considerações finais	99
15	Referências Bibliográficas	103

Cabe salientar que a história do Grupo Ápeiron baseia-se na batalha pessoal e profissional de uma mulher. O Grupo encontra seus fundamentos nos sonhos e esperanças inabaláveis de Giovanna Sarôa, carinhosamente chamada de Gica, que, além de treinadora, tornou-se uma mãe para cada ginasta que passou por sua vida. Teimosa, polêmica e incondicionalmente apaixonada pela ginástica... Um exemplo a ser seguido.



Figura 1 : Giovanna Sarôa
Fonte: Acervo pessoal de Livia Oliveira

“Vocês são meu diamante, vocês são o que eu lapidei, cada uma é única, cada uma é exclusiva, cada uma tem suas características próprias, mas quando vocês estão no Ápeiron....É uma coisa só, e assim são vocês.” (Giovanna Regina Sarôa – Idealizadora do Grupo Ápeiron)

Antes de tudo...

O Grupo Ápeiron teve início no ano de 1996, no Clube Semanal de Cultura Artística, localizado na cidade de Campinas – São Paulo, quando as professoras Giovanna Regina Sarôa e Ivanise Maldonade deram origem à Equipe de Ginástica Rítmica do Clube Cultura, visando treinar garotas, a partir dos nove anos de idade, para que estas participassem de competições realizadas na própria cidade de Campinas e também pelo estado de São Paulo.

Durante seis anos, as técnicas trabalharam com jovens atletas



Figura 2 : Coreografia "Terra" (Simmetria Festival), 2004

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

que participaram de diversas competições e tornaram o Clube Cultura reconhecido pela prática da Ginástica Rítmica.

No ano de 2002, o grupo se viu um tanto quanto saturado dos campeonatos e decidiu, sem abandonar por completo as competições, tomar outro rumo: a prática da Ginástica Geral, na qual

os corpos não deveriam seguir padrões tão rigorosos, onde os movimentos não eram definidos de forma estrita por regulamentos e os dias mais importantes para as atletas não eram os de campeonatos, mas sim os de apresentações artísticas para públicos diversos. Neste ramo, tanto as atletas quanto as técnicas conheceram novas práticas, fizeram diferentes contatos e modificaram suas ações pedagógicas, fazendo do grupo um espaço criativo, participativo e inclusivo.

Neste mesmo ano, as jovens ginastas apresentam-se em três grandes festivais europeus: Landsstævne (Bornholm – Dinamarca), Festival Del Sole (Riccione – Itália) e Summer Festival (Argentona – Espanha).

No ano de 2005, o grupo abandona o nome de Equipe de Ginástica Rítmica e torna-se o Grupo Ápeiron, direcionando suas performances a apresentações em eventos internacionais, projetos sociais e teatros da região. Em 2006, o grupo estréia seu primeiro espetáculo, apresentado no Teatro TIM de

Um ponto de partida...

Campinas: “FLUXO”. Com ele, o Grupo procurava exibir ao público o significado das novas práticas e seus desdobramentos.

No ano de 2007, o grupo deixa as dependências do Clube Cultura, passando a treinar na Cia Athletica de Campinas, onde encontrou uma ampla estrutura para a melhoria da prática da ginástica.

Já em 2008, novamente no Teatro TIM, o grupo apresenta seu segundo espetáculo, cujo foco era enaltecer o significado da mulher na sociedade. Seu nome era “ELA”.

As diversas facetas deste grupo de garotas que tornaram-se grandes amigas a partir das experiências vividas me levaram a escrever sobre sua história, apresentando alguns dos sonhos, conflitos, mudanças e realizações de um grupo que mantém-se ativo até hoje, praticando, a seu modo, sua ginástica na Faculdade de Educação Física da PUC Campinas.

Estudar o Grupo Ápeiron é resgatar minha própria história. Comecei a fazer parte da Equipe de G.R (Ginástica Rítmica) do Clube Cultura no ano 2000, deixando para trás oito anos de prática de Ballet Clássico. Minha relação com a treinadora Giovanna Sarôa começou quando eu tinha apenas três anos e ela era minha professora na escola. Hoje, aos vinte e dois anos e depois de tudo que passamos juntas, já não consigo enxergá-la apenas como técnica, mas também como amiga e companheira, o que torna este trabalho ainda mais complexo.

O grande desafio de um trabalho como este é a empreitada de contar uma história vivida pela própria narradora e por pessoas que viveram por anos à sua volta. É necessário reviver todo o caminho e encarar erros e acertos, alegrias e frustrações com certa imparcialidade. Para que se conte esta história e não se caia no erro de expô-la através de uma versão única, é preciso enxergar a chamada “big picture”, a imagem toda, promovendo análises mais amplas de cada fato, o que torna-se realmente desafiante para quem viveu (e ainda vive) o objeto de estudo, a jornada.

Estive presente nas grandes transições e conflitos do grupo. Participei de muitas discussões, iniciei e apartei brigas, vivi vitórias, celebrei conquistas e chorei derrotas com todas as atletas e técnicas com as quais treinei.

Um ponto de partida...

É devido à minha história no grupo, que decidi trilhar o caminho da Educação Física, ingressando na Universidade Estadual de Campinas e sendo acompanhada por mais três ginastas do grupo. Sendo assim, eu não poderia deixar de relatar, em meu trabalho de conclusão de curso, sobre as pessoas, escolhas e caminhos que me trouxeram até aqui.

Desta forma, não serei capaz de apenas expor fatos com frieza e racionalidade; em cada página deste trabalho, deixo transparecerem emoções diversas, deixo escorrerem lágrimas e soarem altas gargalhadas... Pois sem estes sentimentos, eu não seria capaz de integrar o Grupo Ápeiron.

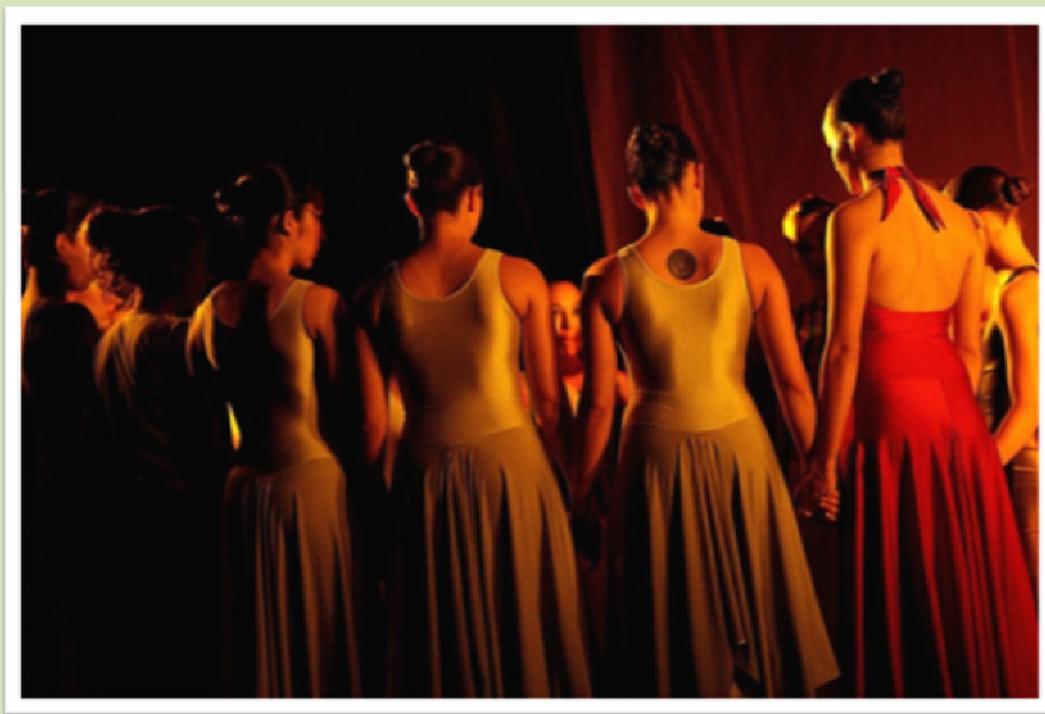


Figura 3 : Concentração das integrantes para espetáculo "ELA" 2008
Fonte: Acervo pessoal de Livia Fenonne

Um ponto de partida...

Este trabalho busca registrar a história de um grupo cuja trajetória foi permeada por linguagens diversas, tais como as ginásticas



Figura 4 : Treino na sede de campondo Clube Semanada Cultural Artística

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

competitivas (G.A e G.R), a Ginástica para Todos, a Dança, o Circo, o Teatro, entre outros. Trata-se de um grupo que viveu mudanças e conflitos como qualquer outro, mas que se mantém ativo até os dias atuais, com integrantes presentes há mais de dez anos, buscando expressar de forma mais ampla e artística aquilo que é

sentido e vivido ao longo do tempo.

Creio que seja importante o registro desta história, tanto para aqueles que já passaram por ela, quanto para aqueles que gostariam de conhecê-la, e assim, poderem ter contato com a forma que este coletivo se organizou e construiu sua metodologia de trabalho. Através deste trabalho, busco contar a história da nossa ginástica, da nossa arte e, acima de tudo, do nosso amadurecimento, colocando-me assim, próxima, porém distante do objeto em questão, para ser capaz de analisá-lo a partir de diferentes ângulos e pontos de vista.

Gostaria que outras pessoas conhecessem nossa história, nossos conflitos, conquistas e transições, para incentivar aqueles que ainda não ousaram registrar o que foi feito por seus próprios grupos ou equipes, enriquecendo assim, histórias pessoais, a história da cidade e, principalmente, a história da ginástica.



Figura 5: Coreografia “Elástico”(Ensaio geral do espetáculo “ELA” , 2008

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

O desenvolvimento deste trabalho realizou-se através de uma análise documental que incluiu fotos, certificados, convites, revistas, jornais e pôsteres. Além disso, realizamos entrevistas com dez pessoas que exerceram diferentes papéis ao longo da história do grupo, assim buscando a combinação entre os dados obtidos nos documentos e nas entrevistas, visando estabelecer diferentes fontes que possam complementar e validar nosso olhar histórico.

De acordo com FERRACINI (2003, p.30), em seu livro “A Arte de Não Interpretar como Poesia Corpórea do Ator”:

“Este trabalho foi realizado utilizando um processo heurístico, uma vez que o material humano (incluindo-me) é a própria fonte de busca”.

A análise de fotos, desde a formação do grupo até os dias de hoje, norteará o desenvolvimento do trabalho, tratando de extrair o máximo de cada imagem, tanto sobre o contexto no qual estas se encontram quanto sobre os costumes, vestuários e personalidades evidentes. Creio que as imagens sejam de suma importância para a pesquisa, podendo até sanar alguns equívocos decorrentes da escrita.

De acordo com GIL (1996):

Buscando um olhar, um caminho, um método...

“A análise documental deve ser realizada de acordo com os objetivos que se pretende alcançar, focando um tema específico para a obtenção de dados, sendo ainda que essas mesmas informações devem responder aos problemas levantados na pesquisa. Logo, a proposta foi buscar um tratamento de dados que responda aos objetivos deste estudo, ou seja, tecer a história a partir do referencial obtido na pesquisa bibliográfica, com as informações recolhidas nas entrevistas e nos documentos selecionados.”

Como já mencionado, algumas pessoas importantes para o grupo foram convidadas a colaborar nesta aventura e gentilmente cederam seu tempo e vasculharam suas lembranças, trazendo a tona novas emoções, visões e perspectivas diferentes. Com estas pessoas, foi utilizada a entrevista semi-estruturada, na qual o entrevistador, ciente do conteúdo do trabalho, norteia o diálogo com perguntas específicas para cada indivíduo, permitindo-lhe discorrer livremente sobre o assunto.

TRIVIÑOS (1987, p. 145) comenta a entrevista semi-estruturada:

“É um dos principais meios que tem o investigador para realizar a Coleta de Dados. Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.”

A eficiência das entrevistas resume-se no fato destas enriquecerem a pesquisa com diferentes versões da mesma história. Desta forma, as informações se complementam, tornando o registro mais completo e imparcial, nem otimista nem pessimista demais, nem emocional nem racional por demais. Quando apenas uma versão é registrada, o objeto de estudo corre o risco de tornar-se um estereótipo; e o equívoco dos chamados estereótipos não é o fato dos mesmos não serem verdadeiros, mas sim, parciais, definidos por um único

Buscando um olhar, um caminho, um método...

ponto de vista, rotulados por uma única perspectiva, firmando-se alheios a outras análises. Sendo assim, torna-se essencial a presença dos entrevistados, cada um expondo a história como viveu-a e sentiu-a.

Já RICHARDSON (1989, p. 165), quando discute a entrevista semi-estruturada, diz:

“O pesquisador conhece previamente os aspectos que deseja pesquisar e, com base neles, formula alguns pontos a tratar na entrevista. As perguntas dependem do entrevistador, e o entrevistado tem a liberdade de expressar-se como ele quiser, guiado pelo entrevistador”

Quanto à estrutura desta pesquisa, é importante ressaltar que foi um trabalho produzido sem um roteiro pré-determinado, ou seja, as informações, lembranças e fatos foram sendo transcritos de forma espontânea, construindo, pouco a pouco, as páginas deste estudo, visando não apresentar uma história cronologicamente organizada, mas sim, intuitivamente distribuída. É fato também que as fases do grupo não se encontram definidas e separadas por critérios concretos, uma vez que os eventos foram mesclando-se pouco a pouco, construindo um mosaico de acontecimentos e sensações, sonhos e cores que trouxeram o Ápeiron até os dias atuais.



Figura 6 : Concentração para a coreografia "Odisséia"(Festival Landsstævne – Hornholm, Dinamarca) 2002
 Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sará

Buscando um olhar, um caminho, um método...

Deve-se lembrar de que muitas outras pessoas poderiam ser consultadas, uma vez que, certamente, todos que fizeram parte desta história possuem muito a acrescentar, porém, optamos pelo grupo citado a seguir por razões temporais próprias de um Trabalho de Conclusão de Curso.



Figura 7 : Coreografia “Bicho de Sete Cabeças”
(Festival Del Sole – Riccione, Itália) 2002
Fonte: Acervo pessoal de Priscilla Silva

“A imagem diz coisas que a palavra não diz, ela não precisa de explicação, pois a interpretação é pessoal. A imagem revela tanto o que você vê quanto o que você não vê.” (SOARES, 1998 apud. SARÔA,2005, P.21)

Buscando um olhar, um caminho, um método...

Entrevistados (as) que ajudaram na construção desta história...

- Giovanna Sarôa (Técnica)
- Ivanise Maldonade (Ex-técnica)
- Priscilla Silva (Integrante desde o início)
- Marília Mendonça Silva (Ex-integrante)
- Paula Biglia (Ex-integrante)
- Camila Wan Dick (Integrante desde 2000)
- Luíza Rodrigues (Integrante desde 2003)
- Melissa Vosgrau (Integrante desde 2008)
- Maria Isabel Mandaji (Mãe de integrante)
- Odilon Roble (Diretor artístico dos espetáculos)



Figura 8 : Giovanna Sarôa e Camila Wan Dick – Troféu São Paulo de G.R, 2000

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Figura 9 : Giovanna Sarôa, Priscilla Silva e Ivanise Maldonado

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Buscando um olhar, um caminho, um método...

No ano de 1999, a professora Giovanna Sarôa iniciou uma proposta de iniciação à Ginástica Rítmica no Colégio Progresso Campineiro, ministrando aulas para garotas de diversas idades. Nesta época, eu completava meu oitavo ano de Ballet Clássico e decidi experimentar aquela nova prática. Neste período, treinávamos no horário do almoço, em aproximadamente onze garotas, poucas com experiências anteriores no universo da ginástica. Paulatinamente, tivemos nossos primeiros contatos com os movimentos, aparelhos e códigos da modalidade, o que, para mim, significou a aquisição de novos conhecimentos e formas de viver o corpo. Neste ano, também criamos e apresentamos nossa primeira coreografia e participamos do Troféu São Paulo de Ginástica Rítmica, sediado no Clube Campineiro de Regatas e Natação.

Todas aquelas novidades começaram a me interessar bastante e, no início do ano seguinte, a professora Giovanna ofereceu às garotas que mais se destacavam nas aulas de G.R da escola, uma vaga na equipe de G.R do Clube Semanal de Cultura Artística. Eu era uma delas, mas recusei no primeiro momento. Os treinos de ginástica coincidiriam com minhas aulas de Ballet e eu não me sentia pronta para abandoná-las. Entretanto, aquela idéia continuou a me intrigar, até que, em março do mesmo ano, tomei minha decisão de abandonar a dança e ingressar no mundo da ginástica, sem fazer a menor idéia do que estava por vir. Imediatamente comuniquei Giovanna sobre minha escolha e me preparei para uma nova fase.

Creio que nenhum atleta seja capaz de esquecer-se do seu primeiro dia de treino. Eu jamais esqueci o meu. Era segunda-feira, e nas segundas, a equipe treinava na sede social do Clube Cultura (localizada na R. Irmã Serafina, no centro da cidade de Campinas) das 14 às 19h. Minha expressão de susto e meu estilo de bailarina provavelmente também chocaram as outras meninas.

O salão era espaçoso, com um palco de um lado e uma enorme varanda do outro, grandes pilares nas laterais e um chão de madeira que, quando

encerado pela manhã (devido aos grandes eventos ocorridos no salão nos fins de semana), rendia às garotas belos tombos. Havia um cheiro característico, nem bom nem ruim, mas que até hoje me lembra dos dias na sede social. O banheiro feminino era grande, com sofás embutidos e um tapete azul no chão. Eu logo saberia que os exercícios de flexibilidade seriam realizados lá. Sim, no banheiro!

Os treinos de segunda-feira sempre se iniciavam com exercícios de flexibilidade, seguidos pela clássica “diagonal”, na qual ensaiávamos saltos, chutes, giros, etc. Naquele primeiro dia, ao notar minha facilidade com o “espacato”, Giovanna disse que eu seria uma ótima companheira de coreografias para a Priscilla. Eu nunca vou esquecer o olhar de raiva que ela me lançou naquele momento. Com exceção deste, e de alguns outros constrangimentos (tais como descobrir que existe um abismo imenso entre ser uma boa bailarina e ser uma boa ginasta), me considerei pronta para retornar ao encontro seguinte.



Figura 10 : Equipe de G.R do Clube Semanal da Cultura Artística, 2001
Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarça

Os anos 70 representaram uma década de grandes mudanças na ginástica campineira. Nesta época, a professora Vilma Leni Piccolo-Nista, treinadora renomada no campo da ginástica, conduzia excelentes atletas na Ginástica Olímpica (hoje denominada Ginástica Artística), todas treinadas no Clube Campineiro de Regatas e Natação. Em 1974, a cidade de Campinas recebe o título de Capital da Ginástica no Estado de São Paulo, fato que atraiu diversos olhares para o novo pólo esportivo; e foi neste cenário que a modalidade Ginástica Rítmica começou a ganhar espaço e adeptos na região.

Segundo SARÔA (2005, p. 55):

“Esse ano [1974] foi, sem dúvida, um ano de mudanças para a ginástica campineira. A fim de investir na nova modalidade, surge a professora pioneira de Ginástica Rítmica em Campinas, **Cleide Aparecida Albrecht Ribeiro**, até então trabalhando no Clube Regatas com a professora Vilma. Encantada pela nova ginástica, montou sua própria equipe de ginastas, conseguindo espaço para treiná-las no Clube Semanal de Cultura Artística.”

Já em 1975, Cleide Ribeiro promoveu o primeiro festival de Ginástica Rítmica em Campinas, também organizando o primeiro Campeonato Brasileiro da modalidade, realizado no tradicional Ginásio do Taquaral. Neste mesmo ano, a professora já treinava duas equipes no Clube Cultura e a modalidade passou a receber investimentos e crescer rapidamente. Em 1976, Cleide lançou na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) o primeiro curso de Ginástica Rítmica, visando aprimorar os conhecimentos daqueles interessados na modalidade.

Ainda em 1976, a atleta destaque da cidade, Salete Cypriano representou o Brasil, mais especificamente o Clube Cultura, no Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica, realizado na Suíça, no qual a delegação brasileira assumiu a décima quinta colocação.

De acordo com SARÔA (2005, p.64), o Clube Cultura foi de extrema importância para a Ginástica Rítmica na época:

“O Clube Semanal de Cultura Artística teve um papel importantíssimo para a contribuição no crescimento desse esporte entre 1975 e 1978, além de ceder seu espaço cultural na sede social, ajudou financeiramente, patrocinando as viagens de avião da atleta Salete, para treinar e compor a seleção brasileira.”

No entanto, no ano de 1979, a treinadora Cleide Ribeiro abandonou as atividades no Clube Cultura e passou a assumir as aulas de G.R do Tênis Clube de Campinas. Nos anos seguintes os grandes destaques da Ginástica Rítmica em Campinas surgiram no próprio Tênis Clube e também no Clube Campineiro de Regatas e Natação, onde as ginastas eram treinadas por Elizabeth Paoliello.



Figura 11 : Layra Pinto e Luciana Silva 1996
Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Em 1996, Giovanna Sarôa e Ivanise Maldonade integraram o corpo de professores do Clube Semanal de Cultura Artística, iniciando uma equipe de Ginástica Rítmica Desportiva (como a modalidade era chamada oficialmente na época) com apenas duas ginastas: Layra Pinto e Luciana Silva, que treinaram apenas quatro meses antes de sua primeira competição,

conseguindo, à duras penas, alguns pontos para o Clube.

Com origens na Europa do século XX e baseada na arte do Ballet, a Ginástica Rítmica foi inserida nos Jogos Olímpicos em 1984 (Los Angeles – Califórnia). Trata-se de um esporte praticado apenas por mulheres, priorizando movimentos corporais leves, com dinamismo, harmonia e amplitude, enaltecendo a plasticidade da ginasta nos exercícios realizados e utilizando cinco aparelhos oficiais: arco, bola, corda, maçãs e fita. Os elementos corporais que compõem a G.R (saltos, giros, ondas, pré-acrobáticos, equilíbrios, etc.) são constantemente acompanhados por músicas instrumentais, em sequencias apresentadas individualmente ou em conjuntos de cinco ginastas. Os conjuntos podem ser de

“mãos livres”, de apenas um aparelho, ou então, os chamados conjuntos mistos, que mesclam o manejo de dois aparelhos oficiais divergentes.

As séries individuais devem durar cerca de 1’30” e as séries de conjunto apresentam duração entre 2’15” e 2’30”; a área oficial de competição compreende um espaço quadrangular de 13mX13m apresentando, no mínimo, 8m de altura (devido aos lançamentos). As ginastas devem trajar collants com ou sem mangas, podendo também usar macacões até os tornozelos, sendo que a sobreposição de uma pequena saia é opcional em ambos os figurinos. Os brilhos são permitidos nas vestimentas e cabelos, e os pés devem estar descalços ou calçando as chamadas “biqueiras” (que envolvem apenas a meia ponta destes).

Cada aparelho apresenta elementos corporais obrigatórios, salvo pelo arco, que não possui dificuldades sobrepostas. A corda enfatiza os saltos, a bola, os movimentos de flexibilidade e ondas, as maçãs contam obrigatoriamente com os equilíbrios, enquanto as fitas enfatizam os giros (ou “pivots”).

De acordo com MESQUITA (2008, p.55):

“Segundo o Código de Pontuação da FIG (2005), a coreografia está caracterizada por uma idéia guia realizada por um discurso motor unitário, do início ao fim, com a utilização de todos os possíveis movimentos possíveis do corpo e do aparelho. As ginastas são as intérpretes desta unidade indivisível: elementos corporais- aparelhos- música que caracterizam a G.R”.

O código que rege a modalidade apresenta-se extremamente rígido, propondo exercícios de dificuldade baixa, moderada, alta ou extremamente alta, rotulados de acordo com as letras do alfabeto (de “A” até “J”), podendo acrescentar de 0,10 a 1,00 (ou mais) na pontuação das ginastas. Em contraponto, existem penalidades para os diversos tipos de falhas (seja na execução de um movimento, seja no manejo de um material) que podem ocorrer ao longo da série avaliada. Nenhuma ginasta ou conjunto tem autorização para reiniciar as séries, com exceção de casos nos quais a responsabilidade é da organização da competição.

Sobre a arbitragem da modalidade, LOURENÇO (2008, p.33) afirma:

“A função dos árbitros é dividida em três quesitos: **Dificuldade**, **Artístico** e **Execução**. As questões relacionadas à Dificuldade e Artístico condizem com a composição da coreografia e a Execução está diretamente ligada à atuação da ginasta ou do conjunto no momento da competição.”

A Ginástica Rítmica desafia os limites do corpo, levando as ginastas aos extremos da flexibilidade, destreza, equilíbrio e graciosidade.

Giovanna, quando jovem, conquistara o título de campeã brasileira de Ginástica Olímpica e também fora uma grande atleta de Ginástica Rítmica (sendo treinada por Thaís Franco Bueno, destacada técnica de G.R na região até os dias de hoje), ambas as modalidades praticadas no Clube Campineiro de Regatas e Natação, em Campinas. Ivanise também fora atleta de G.R no Regatas, alcançando seu ápice competitivo entre 1983 e 1987, conquistando títulos estaduais e nacionais. Sendo assim, o objetivo das treinadoras era incentivar o desenvolvimento da G.R.D (como a modalidade era abreviada na época) no Clube Cultura e levar as ginastas às competições municipais e regionais, divulgando o nome do Clube.



Figura 12 : Equipe de G.R do Clube Semanal da Cultura Artística, 1997

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Ao longo dos meses, novas garotas, cujas famílias eram associadas ao clube, demonstraram interesse pela prática e a pequena equipe foi recebendo novas adeptas, conquistando seu espaço no Clube.

Ambas as treinadoras desenvolveram um grande trabalho com as ginastas, estas que visavam destacar-se no cenário competitivo. A grade horária dos treinos estabeleceu-se com nove horas semanais, distribuídas em três dias (estes que variavam de acordo com a disponibilidade das garotas). Os treinamentos de técnica e flexibilidade eram árduos e exaustivos, fazendo com que as treinadoras identificassem em cada ginasta um determinado talento. No entanto, nunca houve um relacionamento frio entre técnicas e ginastas; Giovanna e Ivanise sempre se mostraram amigas e presentes na vida das garotas, ainda muito jovens.

Quando questionada sobre os aspectos mais importantes no treinamento de Ginástica Rítmica, Ivanise ressalta o valor da ampla preparação dos indivíduos para o esporte em questão. Em suas palavras: “Acho que a base, o que foi inserido, como foi feito o trabalho desde o início, acho que o início é muito importante, de qualquer trabalho. E às vezes (...) não é dado muito valor (...) as pessoas começam já querendo atletas, rápido, e acabam encolhendo, encurtando alguns caminhos. (...) As pessoas às vezes abusavam, em idades muito pequenas de uma capacidade física que poderia ser trabalhada com mais tranquilidade, então acho que esse é um aspecto (...) valorizar o aspecto formativo desde o começo, (...) a amplitude dessa aprendizagem no começo (...) que o professor tenha aí um bom senso de também trabalhar outros aspectos, não só a Ginástica Rítmica já tão fechada, ampliar essas possibilidades, tanto em aparelhos quanto em movimentos, e depois, lógico, quando naturalmente for se destacando ou se desenvolvendo, (...) vai ter necessidade de encaminhar pra um treinamento mais específico”.

Neste momento, a equipe já criava coreografias em conjunto para pequenas apresentações, mas seu grande foco eram competições como o Troféu São Paulo (cujas performances eram pré-estabelecidas) e a tradicional OLIMPESEC, ou Copa APESEC (Associação dos Presidentes de Entidades Sociais

e Esportivas de Campinas), que na época, oferecia liberdade às treinadoras e ginastas para desenvolverem suas próprias séries (posteriormente, o campeonato seria alterado e as séries tornar-se-iam obrigatórias). Desta forma, de acordo com a familiaridade de cada ginasta com um determinado tipo de série (fosse esta com o manejo de bolas, arcos, cordas, maças, fitas, ou mesmo



Figura 13 : Reportagem do jornal Correio Popular, 2000
 Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

na categoria mãos livres) a garota recebia a responsabilidade de treiná-la. De acordo com o progresso técnico, as ginastas eram transferidas para categorias de maior dificuldade, tendo de familiarizar-se com novos aparelhos e aprimorando ainda mais seus movimentos.

A Ginástica Rítmica do Clube Cultura competiu em diversas cidades de São Paulo ao longo dos anos, enfrentando grandes adversários regionais, tais como o Clube Campineiro de Regatas e Natação, a Sociedade Hípica de Campinas, a Associação Atlética do Banco do Brasil e o Clube Bonfim Recreativo e Social. Cada encontro com ginastas de outras equipes gerava um novo desafio às garotas, que foram aprimorando sua técnica e, junto de outros esportes também oferecidos no Clube Cultura (tais como Saltos Ornamentais e Basquete), tornaram-se destaques no âmbito competitivo.

Segundo SARÔA (2005, p.95):

“Na cidade [Campinas] são realizadas competições que se tornaram tradicionais, como exemplo, a Copa Cultura, Copa AABB, Copa Hípica e a Olimpsec que é a maior olimpíada

interclube do Brasil, dando oportunidade para as atletas não-federadas participarem. Competições como Troféu São Paulo e as demais citadas acima servem sempre de grande incentivo para as meninas que estão iniciando a prática desta modalidade.”

Os treinos eram realizados de três a quatro vezes por semana, com duração de aproximadamente quatro horas cada um, o que parecia bastante conveniente para uma equipe de garotas que freqüentava a escola apenas no período da manhã, podendo dedicar-se ao esporte nos períodos restantes. Às segundas-feiras, a equipe de G.R encontrava-se à tarde, na Sede Social do Clube Cultura, treinando exercícios técnicos e séries de competições no salão de festas do edifício; nos outros dias, os treinos ocorriam na Sede de Campo (próxima ao distrito de Sousas), com corridas pelo clube, aulas semanais de Ballet Clássico (as quais a maioria das garotas detestava freqüentar), treinos de musculação e treinos técnicos. As garotas dividiam o ginásio de esportes (composto por duas quadras poliesportivas) com a equipe de Basquete, entretanto, quando os alunos do Vôlei decidiam utilizar a quadra do ginásio, a equipe de G.R era obrigada a treinar nas quadras externas, nos campos de futebol ou, eventualmente, nas próprias ruas do clube. As garotas pouco se importavam, pois aqueles eram momentos de união, de fortalecimento de uma equipe que visava crescer, independente das adversidades e, foi a partir destes treinos que se consolidaram amizades tão fortes.

Todas as sessões de treino eram iniciadas com longos exercícios de flexibilidade. Os sofás do banheiro da Sede Social e as arquibancadas do Ginásio do Clube eram utilizados para que o ângulo de afastamento ântero-posterior das pernas das garotas (mais conhecido como “espacato”) se tornasse claramente obtuso; além disso, a flexibilidade da coluna, do colo de pé, dos ombros, nada poderia ser deixado de lado. Para os frequentadores do clube que passeavam por ali, os treinos mais pareciam sessões de contorção, mas na verdade, eram extremamente apreciados pelas ginastas, que adoravam exibir suas habilidades.

A famosa “diagonal” era usada para o treinamento de saltos, giros e chutes tradicionais da modalidade. Neste momento, a flexibilidade deveria unir-se com extrema habilidade ao equilíbrio, à potência e à agilidade das garotas. As ginastas com experiência anterior na Ginástica Artística tinham certa dificuldade com a graciosidade dos movimentos; já as provenientes do Ballet Clássico apresentavam problemas com a altura dos saltos; outras que nunca haviam tido contato com a modalidade mal conseguiam equilibrar-se durante os giros. Havia muito a ser feito. E, de fato, o tempo e o esforço fizeram com que as garotas se tornassem ginastas extremamente hábeis.

Nas épocas de campeonatos, os treinos eram mais voltados às séries de mãos livres, bola, arco, fita, corda ou maçãs. Na grande maioria das vezes, Giovanna permitia que as ginastas escolhessem com qual aparelho competir; no entanto, quando a equipe mostrava-se defasada em relação a outras, algumas mudanças eram feitas, mesmo contra a vontade das atletas. Durante os treinos, as séries eram rigidamente avaliadas e corrigidas pelas treinadoras, sendo passadas e repassadas repetida e exaustivamente pelas garotas. Nas semanas precedentes às competições, os treinos tornavam-se levemente caóticos, mesclando o desespero choroso das ginastas com a preocupação das técnicas. Entretanto, quando o dia realmente chegava, tanto Giovanna quanto Ivanise apresentavam o doce dom de acalmar suas atletas. Os resultados muitas vezes eram excelentes; do contrário, rendiam extensas conversas e treinos ainda mais rigorosos nos encontros seguintes.

Durante as competições, apesar do extremo nervosismo e da pressão, as “meninas do Cultura” não gostavam de mostrar insegurança: mantinham a postura, a união e não separavam-se um segundo sequer do material com o qual competiriam. Além disso, faziam questão de desaproveitar, com todas as forças, sua grande e excelente adversária, a equipe do Clube Campineiro de Regatas e Natação (fato que, posteriormente, tornar-se-ia motivo de risadas, principalmente quando a ex-ginasta do Regatas Marcela Piton passasse a fazer parte do Grupo Ápeiron). Com o tempo, o uso constante de coques impecáveis, collants apertados, brilhos pela pele e biqueiras no pé passou a agradar apenas algumas ginastas da equipe do Clube Cultura.

Ao longo dos anos, diversas ginastas do Clube Cultura obtiveram grandes destaques nas competições: Paula Biglia e Kelly Isayama exibiam extrema habilidade em séries de bola; o manejo de arco de Priscilla Silva e Beatriz Melo era impecável; Marina Vieira destacava-se com a corda e a habilidade de Marília Silva com as maçãs era insubstituível na equipe. Pouquíssimas ginastas chegaram a apresentar séries de fita e, nos anos seguintes, Caroline Dubard, provida de extrema flexibilidade e controle, tornar-se-ia uma revelação nas séries de mãos livres. Mayara Reis apresentou-se, durante muitos anos, como um grande destaque da equipe: sua flexibilidade impressionava leigos e especialistas no assunto e seu manejo do aparelho bola era excelente; no entanto, a mesma gerou conflitos diversos na equipe, abandonando o grupo em 2003.

Ao longo destes anos, houve outras ginastas que não se encaixaram muito bem na equipe, algumas por desalinhamento de expectativas, outras por divergências de opiniões e algumas também por falta de afinidade com o grupo, o que gerou sérios conflitos em determinadas ocasiões.

Em sua entrevista, Giovanna discorre sobre estes tumultos entre as ginastas: “(...) as pessoas que fizeram fofoca saíram; não porque a gente expulsou, porque elas se expulsam naturalmente, elas não conseguem ficar dentro do grupo porque elas percebem que mesmo tendo diferenças, a gente se ama e a gente se respeita”.

Quando o período competitivo não era parte do cronograma, a equipe dedicava-se com mais calma à criação de suas coreografias, permitindo-se ousar mais, errar mais, divertir-se mais. Grande parte dos treinos era finalizada com o chamado “preparo”, que envolvia longas séries de abdominais, flexões e corridas pelo espaço disponível.

Além dos treinamentos, Giovanna fazia questão de que suas atletas se encontrassem fora do clube, realizando festas, amigos secretos, jantares, encontros para discussões sobre o grupo, etc; fortalecendo ainda mais a relação entre as garotas. Ao passo que estes relacionamentos foram extremamente positivos, eles também desenvolveram um perfil próprio para a

equipe que, por muitas vezes, entrou em conflitos e chegou até a isolar do grupo garotas que não se encaixavam nesse perfil.

Em 2000, a equipe organizou seu próprio campeonato, realizando com êxito sua primeira edição em outubro do mesmo ano: A Copa Cultura de Ginástica Rítmica, competição de atletas não-federadas (na qual a equipe conquistaria o título de campeã por cinco vezes) que ocorria no próprio Clube Cultura, entretanto, com arbitragem externa (árbitras da Federação Paulista de Ginástica). Tratava-se de uma grande conquista para o grupo, que neste momento já passara por momentos de rotatividade das atletas, assumindo o desligamento de algumas e o ingresso de outras.



Figura 14 : Equipe na Copa Cultura de Ginástica Rítmica, 2003
Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Sobre as competições regionais, SARÔA (2005, p. 95) discorre:

“A Copa Cultura Campinas de Ginástica Rítmica, desde sua primeira edição em 2000, contou com a participação de quatrocentas ginastas desses clubes citados, além de contar com escolas que mantêm em seu currículo a prática da modalidade como atividade extracurricular, Colégio Progresso

Campineiro, Colégio Sagrado Coração de Jesus e Escola Salesiana São José.

Ainda no ano de 2000, a equipe não-federada do Clube Cultura destacou-se na competição do Troféu São Paulo, conquistando o vice-campeonato, competição que reuniu um mil e quinhentas ginastas não-federadas do Estado de São Paulo, e se consagrou campeã na Copa Cultura de GR onde reuniu quatrocentas ginastas da cidade”.

Em 2001, Ivanise recebeu uma proposta para ministrar aulas de Educação Física no Colégio Visconde de Porto Seguro, em Valinhos, função que tomaria grande parte de seu tempo, fazendo com que a mesma se desligasse da equipe de G.R do Clube Cultura, delegando a administração dos treinos exclusivamente à Giovanna.

Em sua entrevista, a ex-treinadora comenta a dor de deixar o grupo: “Essa foi uma dúvida muito difícil pra mim (...) gosto muito de competição, mas (...) acontecia de eu ficar a semana inteira sem descanso... Ou eu estava na escola, ou eu estava no clube, ou eu estava em competição (...) eu tentei conciliar as duas coisas por algum tempo, até que chegou o momento em que eu tive que decidir, com muita dor no coração, nossa... Foi muito difícil”.

Com o passar do tempo e, notando a maturidade das atletas, Giovanna ousou levá-las a grandes apresentações, tais como o Festival Internacional Mercosul de Ginástica (São Paulo - SP) e o Fórum Brasileiro de Ginástica Geral (que posteriormente, tornou-se o Fórum Internacional de Ginástica Geral); fatos que iniciariam diversos processos de transição, tanto em relação às atletas quanto em relação ao foco do grupo.

“Um grande marco foi que éramos não-federadas e foi quando a gente foi vice-campeã do Troféu São Paulo [2000], porque nós fomos com oito meninas (...) tinha umas mil e setecentas ginastas (...) Acabou o campeonato no final da tarde, a gente foi para se divertir, para as meninas pegarem experiência, a gente não tinha nem entrado no desfile final para receber medalha, a gente estava se arrumando para sair quando ouvimos: Vice-Campeã paulista, categoria não-federada, Clube Cultura, Clube Semanal de Cultura Artística (...) a gente na arquibancada, começou a chorar, pulamos a arquibancada (...) e fomos receber a medalha (...) Aí a gente viu que estava mesmo no caminho certo da Ginástica Rítmica (...) a gente investiu ainda mais pesado nas meninas (...) começamos bem de baixo, sem nada, ninguém dava nada, fomos conquistando aos poucos e depois fomos cinco vezes campeãs campineiras, na Copa Cultura.” (Giovanna Sarôa)



Figura 15 : Equipe no Troféu São Paulo de G.R, 2000

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

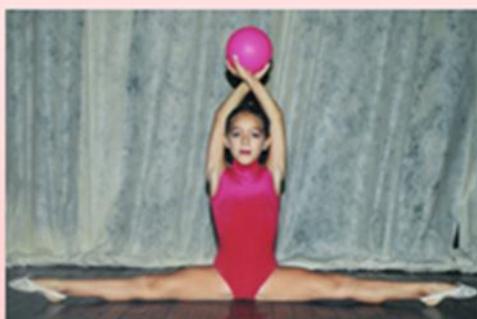


Figura 16 : A gísta (ex-integrante) Marina Vieira

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa



Figura 17 : Equipe no SESC Campinas, 2001

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

“(...) Eu acho que foi um desempenho progressivo, nós começamos com duas ginastas, (...) em 97 já entraram algumas meninas, entraram algumas a mais, (...) foi crescendo, foi um trabalho crescente. (...) Quando mudaram as regras da GR para a Federação Paulista, foi difícil; aí eu já estava com uma equipe boa e aí a briga era forte (...) o Regatas sempre era o campeão e o Cultura ficava em terceiro, segundo (...) mas o desempenho era bom das meninas, a técnica já tinha melhorado muito, a questão de saltos, dos elementos corporais (...) eu acho que foi positivo, se você me perguntar se valeu a pena, valeu (...) eu acho que amadureceu muito (...) eu aprendi muito (...) com a Ivanise, eu devo muita coisa a ela nessa parte da Ginástica Rítmica e de montar coreografia de série (...)” (Giovanna Sarôa)

Preparativos

No final do ano 2001, iniciaram-se as primeiras reuniões entre a técnica Giovanna, as ginastas e os pais, com o objetivo de debater a viagem para a Europa, onde o grupo apresentaria-se em três renomados festivais: Landsstævne (www.l2009.dk), na Dinamarca, Festival del Sole (www.festivaldelsole.it), na Itália e Summer Festival, na Espanha. O foco dos três festivais era a Ginástica Geral, prática na qual o grupo estava se iniciando e, como Giovanna Sarôa já havia participado dos festivais, houve um intenso incentivo de sua parte para que as garotas e suas famílias se empenhassem no assunto, especialmente devido à aprendizagem que a viagem geraria para todas as meninas.

Ao longo do tempo, nove ginastas confirmaram presença na viagem: a mais nova, Ana Beatriz, tinha onze anos enquanto a mais velha, Fernanda Roscito, tinha dezesseis. Giovanna, seu marido Carlos Alberto e Eliza, sua professora de inglês e futura intérprete do grupo no exterior, seriam responsáveis pelas garotas. Não havia apoio financeiro algum, os pais arcaiam com todos os gastos, com exceção dos alojamentos na Dinamarca e na Espanha, cedidos de acordo com a inscrição nos eventos. No entanto, o grupo recebeu patrocínios de empresas como All Star, Lowel, Pontal, Zamur Esportes, Arte e Prosa, Alpargatas e Hopi Hari, que colaboraram com mochilas, maquiagens, tênis, roupas e acessórios.



Figura 18: Logotipo da Equipe para viagem à Europa
Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

NOSSAS GINASTAS DE GRD NA EUROPA

O grupo de Ginástica Rítmica, sob direção da associada Celiana Telles Silva, tem grandes projetos para a atual temporada: desde o acréscimo do número de associadas (fato que vem sendo uma constante dentro do Departamento); às participações de nossas equipes em eventos, campeonatos, festivais e até mesmo apresentações em circuito internacional.

Nossa Ginástica Rítmica foi contemplada com honroso convite para apresentações diversas na Europa. Convite aceito, o GRD estará se apresentando no Festival de Esportes Bornholm, Na Dinamarca entre os dias 27 a 30 de junho, no Festival del sole "Riccione", na Itália, entre os dias 1º a 5 de julho e no Summer Festival "Argimtona", na Espanha, entre 6 a 13 de julho, procurando assim, dar um significativo "salto" em sua trajetória, levando ao "Velho Mundo" a graça e a destreza das nossas ginastas. Essa viagem será um marco na história do GRD do nosso clube, visto ser uma modalidade recente, cuja evolução foi bastante sintomática, com surprecedentes e expressivos resultados. Sócios entre 6 a 11 anos, podem se inscrever. Confira.

Figura 19: Reportagem da revista A Voz do Cultura, 2002
Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Dias antes da viagem, foi realizada uma apresentação das duas coreografias a serem demonstradas no exterior, para que os pais tivessem ciência do conteúdo ginástico que seria apresentado. Neste mesmo dia, a treinadora das



Figura 20: Crachá do Festival Landsstævne, 2002
Fonte: Acervo pessoal de Livia Oliveira

garotas concedeu uma entrevista ao Jornal Correio Popular, discursando sobre os países a serem visitados e os objetivos do grupo.

A jornada se iniciou no dia 21 de junho de 2002 e finalizou-se no dia 13 do mês seguinte. Poucas garotas haviam viajado para o exterior anteriormente, mas nenhuma conhecia a Europa. O grupo contou ainda com a presença de algumas mães e parentes ao longo da viagem que durou aproximadamente uma semana em cada país. Além disso, foram levados sacos de dormir, usados nos alojamentos onde não havia camas e também na noite em que o grupo teve que dormir num aeroporto.

Dinamarca: Primeiros contatos do Grupo com o Exterior

Conforme o planejado, o grupo pegou um ônibus fretado do Clube Cultura para o Aeroporto Internacional de Guarulhos, embarcando num voo da empresa holandesa KLM às 18h35min do dia 21 de junho. Após aproximadamente treze horas de viagem e uma escala no aeroporto de Schiphol em Amsterdam, na Holanda, o grupo chegou a Copenhague. A expressão no rosto de todos foi a mesma, estavam todos completamente extasiados com a cidade. Durante três dias, enquanto o festival não se iniciava em Bornholm (uma pequena ilha da região), o grupo permaneceu na capital dinamarquesa, alojando-se num ginásio do DGI, a Associação Dinamarquesa de Ginástica e Esportes, uma renomada organização cujo objetivo é fortalecer atividades voluntárias e contatos internacionais, a fim de promover educação popular.

Havia certas coisas que impressionaram bastante as garotas: o frio praticamente insuportável das ruas, apesar de encontrarem-se no verão, o fato do dia durar apenas algumas horas e, principalmente, como já era de se esperar, o sabor dos alimentos. Ainda em Copenhague, o grupo teve contato com alguns integrantes do Grupo Ginástico Unicamp que haviam se mudado para lá ou estavam apenas de passagem pelo Landsstævne.

No dia 25 de junho, após uma breve viagem de ônibus para uma pequena cidade da Suécia, o grupo embarca num chamado Ferry Boat e viaja até Bornholm, onde ficou alojado na sala de aula de uma escola infantil bastante próxima da sede do festival, junto de países como Gana e Grécia. Era o início da Copa do Mundo de Futebol e o Brasil era um país bastante esperado nos eventos; entretanto, já no primeiro dia do festival, Priscilla Silva, uma das integrantes do grupo, sofreu uma torção de tornozelo e não pode participar do desfile dos ginastas, que contou com milhares de praticantes de ginástica do mundo todo e também com a grande apresentação do Danish Team (Equipe Nacional de Ginástica da Dinamarca).

Sobre a educação no país, TRUZZI (1999, p.20) comenta:

“A interação é um conceito central à educação da Dinamarca e somente se caracteriza se, sob o acompanhamento de um professor, é oferecida ao aluno a liberdade de ideias e de discurso – além do tempo para formulá-los. A Dinamarca possui leis liberais em relação à censura, consumo de drogas, aborto,, homossexualismo, pornografia, concubinato e consumo de álcool. Possui também uma média relativamente alta de suicídios. A educação é voltada à personalidade como um todo, dando subsídios para que o indivíduo possa fazer escolhas e, conseqüentemente, aceitar suas conseqüências.”

De acordo com COSTA et.al (2005, p.223):

“A Dinamarca possui uma estrutura educacional diferenciada, que proporciona à população, além da escola convencional (educação básica), uma opção a mais para os jovens a partir de 15 anos de idade. São escolas livres, em sua maioria escolas de esportes e Ginástica”.

Niels Bukh, agricultor nascido em 1880 e, após muitas experiências no universo ginástico, criador da Ginástica Primitiva Dinamarquesa

(que viria a substituir o Método Sueco, anteriormente utilizado no país) visava desenvolver uma ginástica que trouxesse benefícios não ao sistema, mas sim aos indivíduos em questão, amenizando também as fortes influências militares da metodologia antes utilizada. A Ginástica Primitiva contava com três pilares – flexibilidade, força física e agilidade – e era dirigida à juventude dinamarquesa com o objetivo de desenvolver um corpo belo e saudável como suporte para uma mente sã. Niels Buck também idealizou e inaugurou, em 1920, uma escola para jovens voltada para a prática desta ginástica: a *Gymnastikhojskøle* de Ollerup, cidade dinamarquesa que, devido a esta instituição, tornar-se-ia referência no âmbito da ginástica.

O objetivo de escolas como esta é fornecer aos indivíduos um tempo para reflexão e intercâmbio de experiências, opiniões e culturas provindas de diversos lugares do mundo. Desta forma, o povo dinamarquês apresenta em sua própria cultura uma grande valorização da ginástica, o que surpreendeu as jovens ginastas brasileiras, que em breve, voltariam a um país onde o incentivo às práticas gímnicas é escasso quando comparado ao país visitado.

Os dias seguintes contaram com alguns enjooos devido às refeições um pouco diferentes das brasileiras. Também houve algumas brigas entre as garotas e uma vitória do Brasil sobre a Turquia na Copa. As apresentações do grupo brasileiro (com a coreografia “Odisséia” na sede do festival e na praça da cidade) mostraram-se bastante peculiares, uma vez que os grupos europeus contavam com grandes apresentações calistênicas com dezenas de participantes, enquanto o Brasil possuía apenas nove. No entanto, estas diferenças renderam ao grupo uma entrevista na rádio da cidade e uma reportagem no jornal da mesma. Foi muito claro que o contato com uma infraestrutura exemplar de festivais e com grupos de outros países fez com que as garotas do Clube Cultura aprendessem muito sobre divergências culturais, ginástica e acima de tudo, convivência com pessoas desconhecidas.

Retornando à Copenhague, o grupo embarcou num vôo para Amsterdam e, no dia 29 de junho, aterrissou no Aeroporto de Roma, passando a noite numa das estações ferroviárias da cidade, entre malas, sacos de dormir e alguns moradores de rua.

A ginasta Camila Wan Dick comenta a viagem: “(...) isso foi o principal ponto que marcou essa transição [da Ginástica Rítmica para a Ginástica Geral] (...) Com certeza foi a melhor experiência da minha vida (...) não tem nada que se compare a aquele momento que a gente viveu, eu era muito nova (...) você chegar num lugar (...) com treze anos, (...) representando um país (...) No desfile do Landsstævne (...) você entra naquele estádio com sei lá quantos mil ginastas, todos movidos por uma só causa (...) que era a Ginástica Geral (...) eram alguns pontinhos, nove meninas verde e amarelo (...) no meio daquela multidão e eu acho que não tem nada que pague isso, sabe? A gente lutou muito pra estar lá.”

Itália e o “Penta” na Copa do Mundo



Figura 21: Ginastas comemorando o pentacampeonato brasileiro no Hotel La Baita (Riccione, Itália) 2002
 Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

No último dia do mês de junho, o grupo pegou um trem até a cidade de Riccione, sede da sexta edição do Festival del Sole, instalando-se num pequeno hotel chamado La Baita e ocupando quatro quartos do segundo andar. Na mesma manhã, ocorreu a partida final da Copa do Mundo, uma disputa entre Brasil e Alemanha que culminou na vitória brasileira com dois gols sobre o adversário. O Brasil era pentacampeão mundial e o grupo comemorou pelas ruas da cidade, nas quais foi saudado e também agredido verbalmente, mas nada importava naquele momento. No mesmo dia houve o desfile dos ginastas do festival, no qual o conjunto brasileiro foi extremamente aplaudido entre os

gigantescos grupos europeus. Era óbvio que o futebol exercia uma grande influência sobre isso.

O Festival Del Sole foi dividido em duas arenas: a principal, chamada Ceccarini, contando com um grande palco e centenas de cadeiras para o público; e a secundária, chamada San Martino, sem palcos nem cadeiras. Ambas eram localizadas na beira da praia, onde o grupo finalmente pôde aproveitar o calor. Ao longo da viagem, as garotas conheceram integrantes de outros grupos, como também as cidades de Ferrara, Rimini, Veneza e a República San Marino e, conheceram também as dificuldades de uma convivência “forçada” entre tantas adolescentes, o que gerou conflitos diversos.

Foram realizadas três apresentações do Brasil, duas na arena Ceccarini (com as coreografias “Odisséia” e “Bicho de Sete Cabeças”) e uma cortesia (pois o grupo perdeu uma apresentação durante a viagem para Veneza) na arena San Martino (apenas com a coreografia “Odisséia”). Era interessante notar como os europeus interessavam-se pela ginástica brasileira, apreciando-a o tempo todo, mesmo com toda a simplicidade performática do grupo.

Mais uma vez o grupo deparou-se com diferentes culturas, num ambiente bem diferente ao do Brasil e com um público que valorizava muito a prática da ginástica. Isso foi uma grande motivação, tanto para as garotas quanto para a treinadora Giovanna. Na noite do quinto dia de julho, o grupo retornou a Roma, onde passou a noite no Aeroporto Internacional, aguardando o avião que o levaria à Barcelona.

A treinadora Giovanna discorre sobre a presença do grupo brasileiro nos festivais durante a Copa do Mundo de 2002: “(...) surgiu o convite pra ir pra Dinamarca, Itália e Espanha (...) lá fora eles falavam “O único grupo do Brasil a vir nesse festival (...) foi um marco muito grande, uma emoção muito grande porque coincidiu com a Copa do Mundo (...) era uma delegação pequena e foi uma delegação ovacionada no dia que (...)o Brasil foi campeão.”



Figura 22: Pôster do Festival Del Sole, 2002
Fonte: Acervo pessoal de Livia Oliveira

Espanha: Grandes Experiências

Do aeroporto de Barcelona, todos embarcaram num trem com destino à cidade de Mataró, na qual pegariam um ônibus para a sede do Summer Festival: a pequena cidade de Argentona, na qual as garotas novamente ficariam alojadas numa sala de aula de uma escola pública (que, no entanto, apresentava características de uma escola particular brasileira).

O Summer Festival, ou Trobada Internacional de Gimnástica, teve início no dia 6 de julho com um desfile de ginastas por entre as pequenas ruas da cidade, culminando por fim, numa arena simples instalada na praça principal de Argentona. A estrutura do festival espanhol apresentava menos extravagâncias do



Figura 23: Passagem aérea (Roma-Barcelona)
Fonte: Acervo pessoal de Livia Oliveira

que as anteriores, mas o entusiasmo dos outros ginastas em relação ao grupo brasileiro de garotas continuava acentuado (ainda devido à Copa do Mundo). Quanto às refeições, continuavam exóticas e nada nutritivas devido à falta de dinheiro no fim da viagem, mas para a felicidade das garotas, elas foram presenteadas com frutas (que não comiam desde o início da viagem) no quarto dia de festival.

Em Argentona, as garotas vivenciaram a experiência de ficarem sozinhas quando a técnica foi à Barcelona, o que se tornou uma situação conturbada. Os vários incidentes renderam sérias conversas, mas não

desestabilizaram a convivência das garotas; o que realmente estava tornando-se intolerável era a companhia dos parentes de algumas garotas, que faziam questão de opinar em toda e qualquer decisão do grupo e da treinadora.

Foram realizadas com êxito, duas apresentações da coreografia “Odisséia” e uma da coreografia “Bicho de Sete Cabeças” no festival e o público europeu se encantara com o grupo brasileiro. Entre as apresentações, as integrantes do grupo tiveram um dia para conhecer a cidade de Barcelona, na qual se extasiaram com os parques, os monumentos e a arquitetura (especialmente a de Gaudí). Mas foi a conhecida “La Rambla”, local onde diversos

artistas se apresentavam, que encantou todo o grupo; nela, Giovanna reconheceu dois integrantes do Grupo Ginástico Unicamp conhecidos pelas garotas como Mallet e Braulio (hospedados na casa do amigo Marco Bortoleto), apresentando uma performance acrobática vestidos de bailarinas. Após se perderem algumas vezes, as garotas retornaram à Argentona acompanhadas dos “bailarinos” para a segunda performance.

Ao final do festival, todo o caminho inverso foi feito, até que o grupo retornasse ao Aeroporto de Barcelona, no qual passou a noite novamente entre as malas gigantescas da viagem. Ao retornarem ao Brasil, as nove adolescentes e a treinadora apresentavam novas idéias para explorar, uma nova visão sobre a ginástica, uma maior experiência para futuras viagens, o exercício da convivência em grupo e, especialmente, a lembrança de uma jornada incomparável a qualquer outra.



Figura 24: Foto de Mayara Reis em jornal dinamarquês, 2002

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

“[...] a gente não fazia idéia do que ia ser [...] deu muita coisa errada, coisas que deram errado para dar certo no fim [...] para ser uma viagem completa [...] a gente passou por vários apertos de atrasos, de se perder, de carregar malas dos outros, de perder metrô, essas coisas [...] acho que isso fez bem para o grupo, para a gente saber mesmo quem a gente é como grupo [...] e para a Giovanna foi... Foi um marco de que ela podia assumir a gente [...] onde fosse, de que maneira fosse [...] ela conseguiria treinar a gente do jeito certo.” (Priscilla Silva)



Figura 25: Festival Landsstævne (Bornholm – Dinamarca), 2002
 Fonte: Acervo pessoal de Priscilla Silva

“Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver” **Amyr Klink (Navegador Brasileiro)**.



Figura 26: Recepção das ginastas no Aeroporto de Cumbica, 2002
 Fonte: Acervo pessoal de Priscilla Silva



Figura 27: Ginastas dormindo no aeroporto El Prat (Barcelona – Espanha)

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

“(...) quando nós embarcamos para a Europa (...) era um sonho meu (...) eu estava indo para três países diferentes e os pais confiaram vocês a mim, era muita responsabilidade (...) eu viajando com meninas menores de idade (...) e a hora que nós sentamos no avião, e que apertamos o cinto (...) foi uma emoção indescritível (...) foi uma vitória para mim e uma vitória para as meninas.” (Giovanna Sarôa)



Figura 28: Ginastas no Festival Del Sole (Riccione – Itália), 2002

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Na Europa, o grupo viveu experiências inigualáveis, estabelecendo contato com novas culturas e práticas corporais, descobrindo um novo mundo de possibilidades para a ginástica. Giovanna, que vivenciara muitas destas experiências com o Grupo Ginástico Unicamp (GGU) do qual fez parte por muitos anos, tinha certeza de que levar as garotas a eventos internacionais ampliaria ainda mais seus horizontes. Este evento foi, certamente, um grande motivador para que as garotas almejassem uma ginástica mais livre, sem fronteiras, com uma construção coreográfica própria, sem atender às orientações estritas de um Código de Pontuação.

Já em 2004, com experiências trazidas do exterior, as garotas viajaram ao Paraná para apresentarem-se no Curitiba International Cup (evento internacional de G.G – Ginástica Geral - do qual o grupo participaria novamente no ano seguinte) descobrindo que, em seu próprio país, a ginástica também podia ser praticada de forma mais ampla e criativa, sem seguir códigos e técnicas rígidas. Tanto nas viagens internacionais como nas apresentações em Curitiba (e diversas cidades do estado de São Paulo), as garotas passaram por momentos de união que foram essenciais para o êxito do grupo: dormiam juntas, comiam juntas, passavam por dificuldades, discussões, compartilhavam alegrias, trocavam opiniões e, pouco a pouco, tornavam o grupo mais cooperativo e amigo.

As situações não competitivas (apresentações) naturalmente favoreciam a união das garotas: cada coreografia exigia um figurino, um penteado, uma maquiagem e, todos estes detalhes eram definidos em consenso pelo grupo; sendo assim, ótimas conversas foram iniciadas, pois algumas garotas não dominavam a “arte dos penteados” ou não sabiam se maquiar com perfeição, precisando assim, da ajuda de outras. Grandes parcerias foram firmadas, uma vez que duas ou mais ginastas apresentavam a mesma facilidade (ou dificuldade) na realização de um determinado exercício. As integrantes do grupo sempre estiveram mais dispostas a unir-se do que engajadas a dedicar-se ao individual, ao singular. As brigas eram raras, porém intensas; todo o restante tornava-se diversão.



Figura 29: Ginastas no SESC Bertioga, 2005

Fonte: Acervo pessoal de Luiza Rodrigues

Sendo assim, o grupo começou a afrouxar seus laços com a ginástica competitiva em meados de 2004, quando ficou muito evidente que os campeonatos já não extasiavam as meninas como antes. Seus corpos haviam mudado, muitos já não mais se encaixavam as exigências da Ginástica Rítmica; a falta de patrocínios e incentivos para o grupo, unidos ao nível de dificuldade cada vez mais elevado da modalidade passaram a desmotivar as integrantes do grupo. Paralelamente, as garotas demonstravam, a cada dia, uma paixão maior pelas apresentações artísticas. O mundo competitivo já não correspondia mais às expectativas do grupo; havia chegado o momento de transições e mudanças.

Sobre a ginástica competitiva, Bortoleto (2008, p.178) discorre:

“Quando estudamos a literatura específica da ginástica de competição, [...] percebemos que ela retrata um conceito de técnica analisando apenas os aspectos objetivos ou palpáveis dos movimentos. Uma técnica isenta de qualquer reflexão sobre a estética, que pode atribuir eficácia simbólica à já mencionada

eficiência mecânica. Vemos que cada elemento ginástico foi criado sob a influência de códigos estritos de conduta, de regulamentos que restringem a subjetividade e que buscam objetivar a motricidade para que se possam comparar as *performances* (Bortoleto, 2000).”

Assim, tanto as ginastas quanto a própria treinadora direcionavam seus olhares para um mundo mais amplo, uma vez que as regras e códigos da Ginástica Rítmica afunilavam cada vez mais a prática, restringindo a criatividade do grupo ao invés de incentivá-la. A desmotivação das ginastas começara a afetar o rendimento dos treinos; o interesse era muito maior em “treinar para apresentações” e não para campeonatos; as ginastas mais velhas já haviam abandonado as competições, deixando o legado para as mais novas, estas que, inspiradas em suas precursoras, também começaram a desistir da G.R por si só, visando inserir o conhecimento adquirido no âmbito competitivo num espaço de maiores possibilidades corporais, criativas e sociais. Este novo espaço seria encontrado na Ginástica Geral, hoje também denominada Ginástica Para Todos.

Sobre as influências das ginásticas competitivas no mundo da Ginástica Geral, Toledo e Schiavon (2008, p. 228), afirmam:

“Ginastas que não queriam parar de praticar as modalidades gímnicas, mas que não viam mais, na competição, o prazer de cada dia dedicavam-se então a “treinar para apresentar”. Essa descontração abriu portas à criatividade dos integrantes, muitas vezes tolhida pelas regras tão restritas das modalidades, e possibilitou a apresentação de grupos que, aos poucos, foram buscar fora do ambiente competitivo, uma mescla de manifestações corporais, em busca de prazer e da beleza da apresentação.”.

Uma vez que os valores e ambições das garotas mostravam-se modificados, a dedicação a uma prática mais inclusiva, livre e descontraída apresentou-se como uma nova motivação ao grupo, fazendo com que os treinos rendessem mais e novas coreografias fossem desenvolvidas de forma mais ampla,

tanto no âmbito da técnica de execução de movimentos quanto no âmbito dos materiais alternativos, da escolha da música e da composição coreográfica.

A grande afirmação desta nova fase ocorreu no Simmetria Festival, uma grande apresentação de grupos de Ginástica Geral sediada no Clube Cultura, na qual as anfitriãs eram as próprias ginastas do grupo. Neste festival, o grupo já apresentava figurinos diferenciados e também, algumas coreografias com performances completamente desligadas da rigidez da G.R.

Figura 30: Ginastas maquiadas para a coreografia "Odisséia", 2004

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Figura 31: Ginastas em Curitiba – PR, 2005

Fonte: Acervo pessoal de Luiza Rodrigues



Figura 32: Concentração para apresentação na Cia. Athletica (Campinas)

Fonte: Acervo pessoal de Livia Oliveira

Figura 33: Grupo Ápeiron (Florianópolis- SC)

Fonte: Acervo pessoal de Livia Oliveira



Figura 34: Certificado do I Mercosul Internacional Gym Festival (2001)

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Quando questionada sobre os pontos positivos do Grupo, a integrante Priscilla Silva afirma: “(...) ponto positivo, (...) a gente parar de competir, eu acho que foi o mais positivo de todos, o mais importante, a gente parar de competir e começar a pensar como um grupo e não como ginastas separadas, com características individuais, começar a pensar num grupo com características de grupo. Eu acho que a partir daí, (...) a gente foi crescendo. (...) Eu gostava de competir, no começo eu achava que era ótimo porque eu não dependia de ninguém, (...) só que com o tempo eu cansei, as meninas começaram a cansar de competir também, eu achei que foi o máximo (...)”

No final de 2005, as integrantes do grupo desvincilharam-se definitivamente do mundo competitivo da Ginástica Rítmica, dedicando todo o tempo e espaço dos treinos aos valores da Ginástica Geral. Ainda nesse ano, as garotas adotariam definitivamente a utilização de um novo nome para o conjunto: “Ápeiron”. A tempestade de idéias em busca de uma palavra que definisse o grupo surgiu entre Giovanna e seu grande amigo e companheiro de trabalho Odilon Roble, atualmente diretor artístico do grupo e conhecido pelas ginastas como

“Didi”. Uma vez que Odilon possuía formação não somente em Educação Física, mas também em Filosofia, Giovanna pediu sua ajuda naquela tarefa. Desta forma, “Didi” apresentou-lhe algumas opções provindas da Mitologia Grega, tais como “Trivium” (referente à música e à poesia), “Cnossos” (significando “labirinto”), “Gynaica” (referente à palavra “mulher” em grego) e “Ápeiron”.

Segundo os conhecimentos de Odilon, a palavra “Ápeiron” remetia ao infinito, ao indefinido e ao ilimitado e, Anaximandro, um filósofo pré-socrático, consagrou o termo como sendo o princípio de tudo na vida, o início e o fim de todas as coisas. Desta forma, quando a treinadora expôs as opções às ginastas, o grupo dividiu-se entre “Trivium” e “Ápeiron”, decidindo finalmente por adotar a segunda alternativa, refletindo no sentido de que a ginástica praticada pelas garotas, a partir daquele momento, não estaria circunscrita nos limites e regras, despreendendo-se de conceitos e definições exatos e explorando movimentos ilimitados.

Em sua entrevista, Odilon comenta sobre a escolha do nome “Ápeiron” para simbolizar a nova fase pela qual o grupo de garotas estava passando: “Ápeiron se refere ao indeterminado, ao impreciso, ao infinito e isso para ela [Giovanna] corresponde à energia do grupo (...) eu acho que foi uma escolha feliz porque demonstra essa filosofia de trabalho, esse princípio gerador de indeterminação (...) ele é um alerta para o grupo (...) à medida que vocês escolhem esse nome, é o indeterminado, é o acaso, ele vai exigir de vocês terem isso no trabalho”.

Ao longo destes anos, o grupo participou das diversas edições do Fórum Internacional de Ginástica Geral, vivenciando novas experiências, trabalhando pelo evento, descobrindo (e redescobrando) sua paixão por todo aquele ambiente.



Figura 35: Certificado do Fórum Internacional de Ginástica Geral (2001)
 Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Saróia

O Fórum Internacional de Ginástica Geral trata-se de um evento organizado pela unidade de Campinas do SESC (Serviço Social do Comércio) em parceria com a Faculdade de Educação Física da UNICAMP, visando realizar apresentações, encontros, palestras, workshops, mesas redondas, festas e eventos de socialização entre praticantes de Ginástica Geral, direcionando, ampliando e atualizando conhecimentos sobre a área. Trata-se, até hoje, de um momento extremamente rico para as integrantes do Grupo Ápeiron.

Segundo Paoliello (2008, p.194):

“A Ginástica Geral é aqui entendida como uma manifestação da cultura corporal que reúne as diferentes interpretações da Ginástica, integrando-as às demais formas de expressão corporal, de maneira livre e criativa. É uma atividade esportiva não competitiva, que oportuniza a prática da Ginástica para qualquer pessoa, independente de idade, sexo, condição física ou técnica. Busca estimular a participação de um grande número de pessoas e a interação social entre elas, além de facilitar a vivência de valores humanos (cooperação, compromisso, respeito, solidariedade, amizade, honestidade, entre outros)[...]”



Figura 36: Certificado do III Fórum Internacional de Ginástica Geral (2005)
Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Saróia

Deve-se salientar que, não apenas nas edições do Fórum, mas também em apresentações pelas cidades da região, houve um estreito contato com um grupo que influenciaria o Ápeiron de maneiras diversas: o Grupo Ginástico Unicamp. Providos de uma intensa paixão pela G.G e uma criatividade incomparável, os integrantes do GGU aproximaram ainda mais as ginastas do Ápeiron da amplitude de conhecimentos e das

ações inovadoras, tornando-se não só indivíduos que transmitiam e compartilhavam idéias, mas também grandes amigos do grupo.

Ginastas tecnicamente preparadas, criatividade, disposição e muitos convites para apresentações na região: o Grupo Ápeiron inseria-se, definitivamente, no amplo universo da G.G. As próprias ginastas buscavam, neste novo momento, trazer para o grupo conhecimentos externos: algumas inseriram-se nas práticas circenses (especialmente no circo aéreo), outras colaboraram com experiências no Teatro e na Dança (Ballet Clássico, Dança de Salão, Dança de Rua, Ballet Contemporâneo, entre outros), trazendo também movimentos da Capoeira, da Ginástica Artística e da Ginástica Acrobática.

Firmava-se um desligamento dos códigos e regras, estabelecia-se liberdade e criatividade para criar novos figurinos, novos movimentos, novos temas para coreografias. Ali estava uma grande oportunidade de ousar. A maturidade do grupo, a amizade e a cooperação entre as ginastas, o desafio da inovação, as diversas alternativas da prática, a quebra dos parâmetros rígidos do esporte competitivo, o anseio pelas apresentações eram todos princípios que se encaixavam a uma nova fase. E foi a partir destes novos valores e princípios que o Grupo Ápeiron deixou de ser uma equipe de Ginástica Rítmica e desenvolveu fundamentos para tornar-se um grupo sólido de Ginástica Geral.

As garotas começavam a entender que o desempenho, não necessariamente, deveria ser julgado milimetricamente por códigos e números exatos, mas sim que, a energia imposta ao corpo para realizar um movimento transmitiria uma mensagem própria sobre o mesmo, sendo esta interpretada de formas diversas por cada espectador que se encontrasse diante da execução performática.

Os próprios uniformes do grupo foram modificados com o tempo: até 2002, as garotas vestiam um clássico conjunto de “tactel”,



Figura 37: Apresentação no evento “Planeta Elástico” (SESC Campinas), 2007

Fonte: Acervo pessoal de Camila Wan Dick

muito tradicional no ambiente competitivo; nos anos seguintes, foram confeccionados agasalhos mais arrojados, visando os grandes desfiles que precediam as apresentações. A partir de 2007, o grupo ousou ainda mais e trocou os uniformes usuais por belos vestidos pretos que traziam o nome “Ápeiron”. Os figurinos, penteados e maquiagens também amadureceram, foram refinados, adequados aos diversos contextos nos quais as garotas se encontravam.

Sendo assim, os treinos (realizados em três encontros semanais de aproximadamente três horas) também tornaram-se mais livres e permissivos. É claro que a técnica de execução de movimentos continuava sendo treinada, assim como habilidades como flexibilidade e força, uma vez que o condicionamento e a boa técnica das garotas deviam ser mantidos para o êxito do grupo; entretanto, novas idéias surgiam e modificavam o rumo dos treinamentos, combinando os antigos treinos de G.R com as novas criações e possibilidades da G.G.

Sobre a prática da Ginástica Para Todos (ou Ginástica Geral), Roble (1999, p.58) afirma:

“O que quero vislumbrar como possibilidade real à Ginástica Geral, é a chance de oferecer a oportunidade de que os seus praticantes consigam envolver seu corpo em um trabalho mais amplo, no qual cada tema escolhido para compor uma coreografia possa levá-los a gestos e ações que expressem suas reflexões e sentimentos em torno dessa temática. Saber expressar-se não é atributo exclusivo ao ator teatral, mas sim, condição necessária a todo intérprete e que no caso da Ginástica Geral pode ser traduzida como domínio corporal. Se a linguagem escolhida é a da ginástica e a composição coreográfica inspira-se na estética característica desse estilo, resta ao intérprete, ao integrante de um grupo de Ginástica Geral, que ele tenha domínio corporal suficiente para expressar-se por esse caminho.”

Posteriormente, Giovanna decidiu levar suas ginastas ao palco com os espetáculos “FLUXO” (2006) e “ELA” (2008), que se realizaram no Teatro

TIM de Campinas. Estes espetáculos traziam à tona novos temas, explorando com qualidade os sentimentos e situações cotidianas vivenciados pelas próprias integrantes do grupo e, receberam diversas críticas e elogios, os quais colaboraram para o amadurecimento tanto das ginastas quanto da treinadora. No entanto, a experiência de apresentar a ginástica no teatro extasiou as garotas que, sem abandonar as tradicionais apresentações de G.G, decidiram dedicar-se a esta nova proposta.

Já no ano de 2009, mais maduro em seus novos valores, o grupo reapresentou o espetáculo “ELA” no Teatro Municipal de Americana e na primeira edição do ENCEF (Encontro Nacional Corpo e Educação Física), evento realizado no Resort Costão do Santinho, em Florianópolis (SC).

Cabe salientar, também, que todo este processo não se deu de forma estável e tranquila, uma vez que, durante todos estes anos, o grupo passou por diversos conflitos e fases difíceis, entre elas a saída do Clube Semanal de Cultura Artística, que deixou as ginastas sem um espaço fixo para a realização dos treinos; o recebimento e a perda da bolsa-atleta, que permitiu que o grupo treinasse durante dois anos na unidade de Campinas da Academia Cia. Athletica; a saída desta academia e a pausa dos treinos por um mês inteiro até que lhes fosse disponibilizado o espaço da FaEFi (Faculdade de Educação Física da PUC Campinas), no qual o grupo realiza seus treinamentos até hoje. Além dos conflitos espaciais, ocorreram diversas discussões e confrontos emocionais, tanto entre as ginastas quanto entre estas e a treinadora, fatos que, durante certo período, chegaram a ameaçar a integridade do Grupo Ápeiron.

Sobre algumas fases difíceis do Grupo, a integrante Priscilla Silva discorre: “(...) eu acho que às vezes a gente perde o foco, perde os objetivos e a gente se perde um pouquinho e não sabe muito bem pra onde ir; acho que, principalmente, porque a gente não é um grupo profissional e não é um grupo amador, a gente está num meio termo, então a gente se compromete, mas às vezes não tem o respaldo que poderia ter. (...) A gente passa por momentos que (...) não que perde a criatividade, mas a gente “estagna”, não consegue criar nada novo e, mesmo assim, fica incomodada, mas às vezes não corre atrás de buscar

coisas novas e... Tem outros momentos que quando junta todo mundo, a gente começa a criar, começa a fazer uma coisa que nem precisava criar e sai uma coreografia do nada, essa é a melhor parte, é quando flui, é quando eu gosto”.

Devido a problemas como os citados acima, o grupo também perdeu algumas integrantes, como comenta a ex-ginasta Marília Mendonça: “Uma das coisas que me desmotivou foi o fato de que, particularmente, eu acho que eu estacionei num nível assim, técnico e, acabou gerando um pouco de descontentamento, assim, de desmotivação e... E o fato de eu ter tido outros objetivos (...) em outras áreas de modalidades”.

Isabel Mandaji também afirma haver outros pontos negativos: “Eu acho que o que eu chamaria de negativo, como mãe, a falta de... De incentivo (...) da parte financeira mesmo, do governo, ou do Clube ou... Que vocês conseguissem chegar aonde vocês chegaram, que eu acho que vocês chegaram muito longe, mas com mais tranqüilidade (...) vocês fazem isso por amor (...) mas vocês podiam chegar muito mais longe do que vocês chegaram hoje se tivessem “caído nas graças” de alguém, porque capacidade eu percebo que todas têm, vontade todas têm, mas falta isso (...)”

Entretanto, o grupo foi capaz de superar diversos obstáculos físicos, financeiros e emocionais sem abalar suas estruturas afetivas e os valores desenvolvidos ao longo do tempo. As viagens e apresentações locais, as discussões, as intermináveis trocas de idéias visando elaborar novas coreografias, o aumento dos trabalhos coletivos, a absorção de críticas e elogios, o reajuste dos movimentos aos novos corpos, a inserção de novas integrantes ao grupo, a despedida de outras... Todos estes fatores contribuíram para uma maior autonomia tanto das ginastas quanto do grupo como um todo, unido, sólido, inseparável.

As garotas e a treinadora mantêm-se grandes amigas e os treinos do grupo vêm sendo assistidos pelos alunos da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Campinas) como tarefa da disciplina de Estágio, visando acrescentar conhecimentos sobre a ginástica aos mesmos (o que é também uma nova experiência para o grupo). Em 2010, o Ápeiron iniciou a composição de uma nova

coreografia para o V Fórum Internacional de Ginástica Geral, somada a uma proposta a ser exibida nos palcos, um espetáculo diferenciado, com convidados, divergentes estéticas musicais, um cenário específico, enfim, um espetáculo que o grupo pretende denominar “ATO”, um projeto em gestação.



Figura 38: Ginastas em Curitiba PR, 2005

Fonte: Acervo pessoal de Luiza Rodrigues

“(...) a gente estava com vinte e uma meninas (...) elas foram se desmotivando para competir, elas não queriam mais (...) e aí nós começamos a montar coreografias para a apresentação (...) essa passagem foi muito tranquila, foi uma passagem natural (...) todo ano a gente já se preparava para uma coreografia que não era de Ginástica Rítmica. Quando a gente viu (...) a Ivanise já tinha saído (...) eu estava sozinha no Cultura e nunca fui fã de competição também, e aí (...) falei “Tá bom, então agora a gente só treina para apresentação” e todo mundo gostou.”(Giovanna Sarôa)

Por volta de 2002, já era fato que as integrantes do grupo estavam saturadas do mundo competitivo e das exigências que ele requeria. Além disso, grande parte das garotas já não se encontrava no ápice físico que a ginástica rítmica exige: algumas haviam engordado, outras perdido força e flexibilidade, fatores que colaboravam para resultados cada vez mais insatisfatórios naquele universo de rendimento. Pouco a pouco, isto foi sendo manifestado pelas ginastas, que se interessavam cada vez mais pela Ginástica Geral, uma prática mais criativa, que relativiza o rendimento e potencializa os talentos e a participação, características mais adequadas para um grupo cada vez mais heterogêneo.

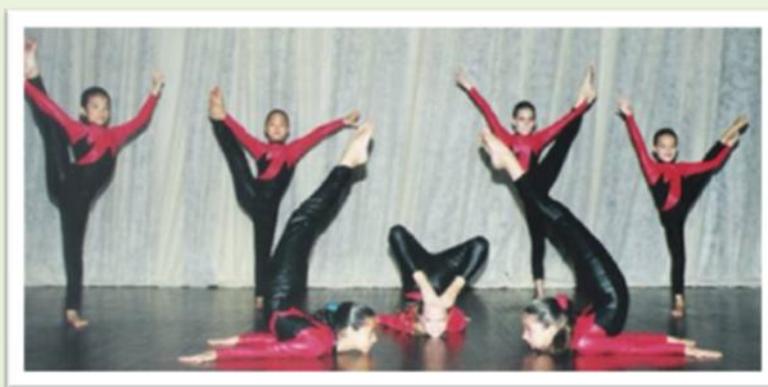


Figura 39: Ginastas na sede social do Clube Semanal da Cultura Artística, 2001

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Com o passar do tempo, o grupo abandonou por completo as competições, mas não se pode negar que os treinos técnicos deveriam continuar, pois a Ginástica Rítmica era, sem dúvida, essencial para que as coreografias fossem desenvolvidas. Ao longo dos anos seguintes, muitas outras linguagens permearam as atividades do Ápeiron, entre elas o Circo, o Teatro, a Ginástica Artística e a Dança. Isto motivou o grupo a apresentar-se também em teatros, como o Teatro TIM e o Teatro Municipal de Americana. Entretanto, é bastante claro que se o grupo quisesse destacar-se nestes outros âmbitos artísticos e esportivos, o conhecimento e o treinamento vigentes não seriam suficientes. Sendo assim, por desejo das próprias ginastas, mas também pela sobrevivência do grupo, a base da G.R nunca foi abandonada. O grupo teve que aprender a

manter-se num chamado “meio termo”, equilibrando-se entre a ginástica competitiva e as outras linguagens.

Foi neste universo mais inclusivo e diversificado que o Grupo Ápeiron se desenvolveu e foi capaz de destacar-se, um universo que permitia a falta de tempo para treinar, a falta de recursos, os quilos acrescentados aos corpos antes ideais, a perda de capacidades físicas e, contudo a paixão das ginastas e da técnica pelas apresentações, pela ginástica e pela arte. Ao passo que este dilema fez com que o grupo reproduzisse parte dos conhecimentos adquiridos na G.R, foi também o ponto de partida para que fosse criada uma linguagem própria, proveniente da criatividade das garotas, mesclando o que se via, se sentia, se escutava, se tocava... Enfim, o que se vivia.



Figura 40: Coreografia “Fogo” no Curitiba International Cup, 2005
Fonte: Acervo pessoal de Luiza Rodrigues

Figura 41: Coreografia “Água” (Simmetria Festival), 2004
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

“Eu não sinto mais falta de competir, eu acho que a gente pode dar o melhor de si sem ter que competir com outras pessoas, acho que a gente pode compartilhar uma coisa bonita e não, necessariamente, olhar para o outro e achar que o outro é pior ou se sentir pior que o outro por causa de uma performance, que você treina meses e meses para um minuto e meio e se você não estiver bem naquele dia, já era todo o esforço do treinamento que você fez. Eu acho isso muito injusto, o que não acontece na apresentação... Que é um frio na barriga, mas é um frio na barriga gostoso (...) Eu acho que foi muito importante, eu acho que a gente não seria... O grupo não seria o mesmo se a gente não tivesse passado por isso.” (Priscilla Silva)

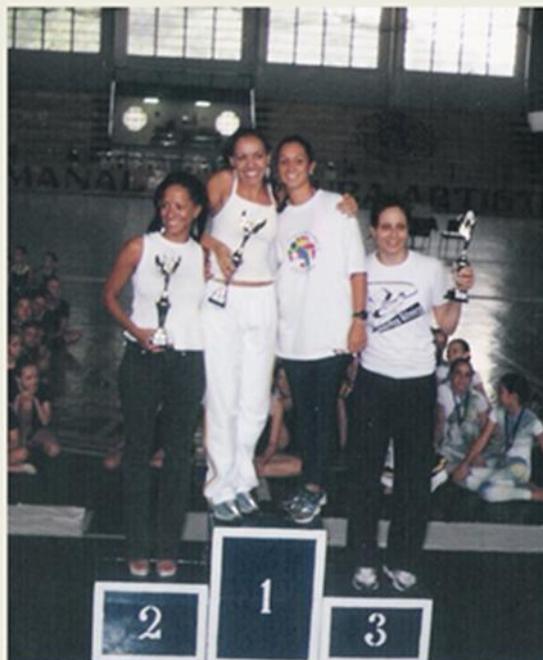


Figura 42: Giovanna S. e Luciana L. - Copa Cultura, 2005
Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa



Figura 43: Equipe e pré-equipe de G.R na Copa Cultura de Ginástica Rítmica, 2005
Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

A saída do Clube Semanal de Cultura Artística

No ano de 2007, já não havia participação significativa das garotas em competições. Além disso, o grupo era agora formado por dezesseis ginastas, das quais apenas cinco eram associadas ao Clube, o que incomodava cada vez mais os dirigentes, que durante alguns meses, para o desespero das garotas, proibiram as militantes de entrarem nas dependências do mesmo. Desta forma, o Grupo Ápeiron já não trazia benefícios ao Clube e, em junho do mesmo ano, o Clube Cultura dispensou os serviços da professora Giovanna Regina Sarôa, proibindo também, o acesso das militantes às suas instalações.

Durante este mês, o grupo não realizou nenhum treino; o trabalho focou-se em encontrar um novo lugar para os ensaios. No início do mês seguinte, após longas negociações com Edward, o responsável pela academia Cia. Athletica - Unidade Campinas, Giovanna trouxe boas novas: o Grupo treinaria como bolsista integral na melhor academia da cidade, apresentando-se em eventos da mesma e divulgando seu nome em eventos externos. Além disso, as garotas poderiam utilizar livremente as dependências da academia, sendo treinadas, paralelamente, por conceituados treinadores personalizados.

A saída da Cia. Athletica Campinas

Dois anos após a entrada do Ápeiron na Cia. Athletica, este foi convidado a realizar apenas duas apresentações dentro da empresa, o que levou Edward e Giovanna a uma nova reunião. De acordo com as novas normas da academia, o Grupo deveria se manter nas instalações da mesma como bolsista parcial, ou seja, cada integrante deveria pagar 50% da mensalidade, o que não se encaixava, de maneira alguma, à realidade financeira das garotas. Desta forma, no mês de julho de 2009 o Grupo Ápeiron encerra mais uma fase, sendo convidado a se retirar da grande e deslumbrante Cia. Athletica - Unidade Campinas.

Ainda assim, algumas ginastas frequentaram a academia por mais alguns dias, pois finalizavam assuntos pendentes, tais como estágios exigidos pelas faculdades.

Mais algumas semanas sem treinos, apenas na procura de um novo espaço físico. Não só a técnica como todas as integrantes do grupo tinham a missão de encontrar um novo lugar. Em agosto, um novo presente: o grupo conseguia as dependências da FaEFi (Faculdade de Educação Física da PUC Campinas, onde o grupo ensaia até hoje) para realizar os treinos, instituição na qual Giovanna ingressou, posteriormente, como professora.



Figura 44: Grupo Ápeiron na Cia. Athletica (Unidade Campinas), 2008

Fonte: Acervo pessoal de Camila Wan Dick

O amadurecimento das ginastas

Com o passar do tempo e com todas as mudanças sofridas, não é difícil perceber que o Ápeiron não é mais o mesmo: as integrantes ficaram mais velhas e houve o ingresso de apenas algumas garotas mais novas. Os dias e horários de treino que permitiam que todas se encontrassem diminuíram, afinal, já não eram garotas que estudavam no período da manhã e possuíam a tarde livre para dedicar à ginástica; agora havia a faculdade, os estágios, os novos

empregos, os namorados, as viagens, etc. Foi muito difícil para a treinadora enxergar que o Ápeiron já não era a grande prioridade das meninas e ser capaz de superar o medo de perder as “ginastas que ela criara”. O grupo não rendia um salário para as participantes e elas precisavam começar a trabalhar, a faculdade começava a preencher diversos horários que antes eram livres, algumas começaram a dançar em outros lugares, outras iniciaram trabalhos com o circo e os conflitos começaram a aumentar.

Em 2009, o Grupo Ápeiron chegou muito perto de seu fim. As discussões entre a técnica e as ginastas foram intensas, muitas ameaçaram abandonar tudo. Entretanto, sempre houve entre as garotas (todas elas, inclusive a Giovanna) uma fidelidade sem igual, um laço que transcenderia a ginástica, a dança, a força, a flexibilidade, os horários escassos, os treinos vazios, o que quer que fosse. Revigorou-se uma amizade que foi capaz de manter aquele grupo junto, mesmo quando parecia não haver mais nenhuma sintonia ou solução.

Sobre este momento de dificuldade, Giovanna discorre: “(...) foi um crescimento muito grande (...) e isso faz sentido pra mim (...) a gente teve um momento difícil no ano passado [2009] (...) foi, sem dúvida, o pior ano da minha carreira no Ápeiron, eu achei que o grupo ia acabar. Achei que eu estava perdendo vocês, que vocês não me entendiam mais e eu não entendia vocês; ficou Giovanna contra Ápeiron (...) doze falando a mesma língua e só eu contra vocês? Alguma coisa estava errada, não eram vocês, devia ser eu. E aí que eu percebi realmente, não era ninguém que estava errada (...) eu tinha que me desapegar (...) vocês são adultas, têm uma vida fora do grupo e eu não queria admitir isso, eu não queria que vocês respirassem a vida lá fora, e isso estava fazendo com que eu brigasse com vocês (...) vocês tem vida fora dele, e aí a hora que eu amadureci (...) o grupo entrou no eixo de novo.”

Já Luíza Rodrigues, integrante do grupo, afirma: “(...) todo mundo falou o que precisava ser falado (...) algumas coisas que pareciam estar não tão claras foram esclarecidas, dúvidas e desentendimentos, e foi uma nova fase”.

Foram necessários dias e dias de conversa (inclusive um encontro oficial das ginastas e da técnica com Ike Silvestre, psicólogo esportivo do grupo

atualmente) para que as lágrimas dessem lugar a decisões mais racionais: as garotas haviam crescido, isso era fato, e o grupo, os treinos e as apresentações (que infelizmente não podiam sustentar as ginastas financeiramente) deveriam se adaptar a isso. A paixão por aqueles treinos, que não eram apenas a realização de exercícios com companheiras, mas sim, encontros com grandes amigas, fez o grupo seguir em frente.



Figura 45: Treino na Cia Athletica (Unidade Campinas), 2008
 Fonte: Acervo pessoal de Caroline Dubard

“[...] a partir do momento que vocês começaram a crescer, querer buscar outras coisas [...] foi um divisor de águas [...] eu achei que a coisa ia degradingolar e vocês, mais uma vez, deram a volta por cima [...] Hoje eu acho que vocês estão de um outro lado [...] o respeito existe [...] e existe a troca.” (Maria Isabel Mandaji)

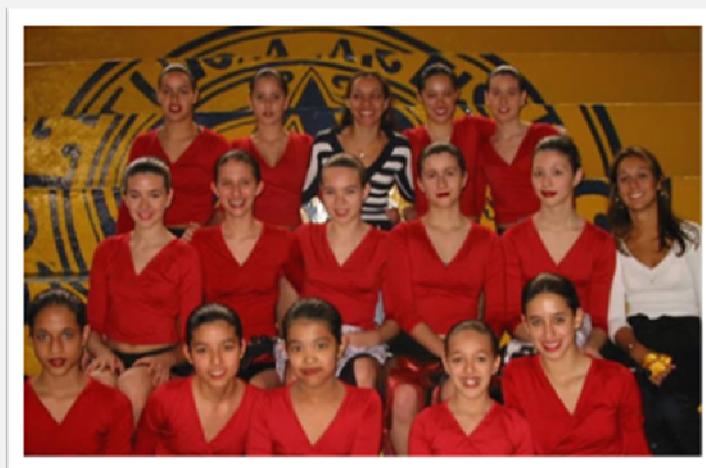


Figura 46: Equipe no Clube Cultura com figurino da coreografia “Tango”, 2004

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Simmetria Festival – Uma conquista...

No início de 2004, a Equipe de G.R do Cultura começa o desenvolvimento de seu primeiro festival, a ser realizado em dezembro do mesmo ano, na sede de campo do Clube Semanal de Cultura Artística. Seu nome: SIMMETRIA FESTIVAL.

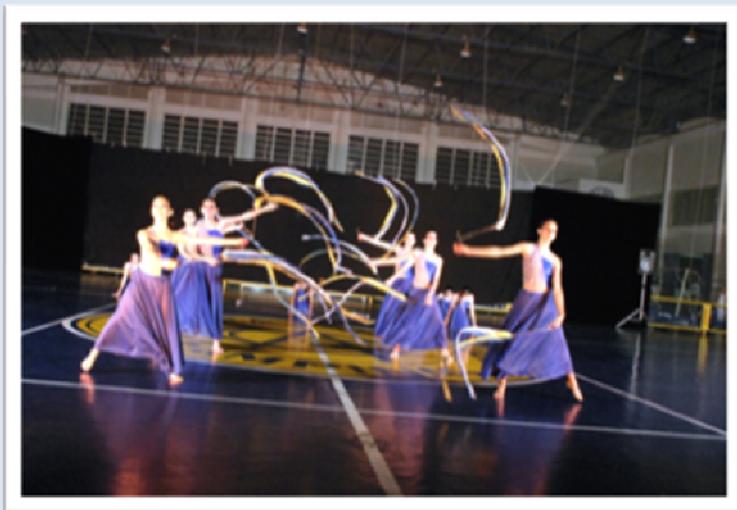


Figura 47: Coreografia “Bicho de Sete Cabeças” (Simmetria Festival), 2004

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

O objetivo do festival era expor as diversas coreografias do grupo, divulgando o trabalho desenvolvido até então, uma vez que no ano anterior, a equipe apresentara-se em pequenos festivais de cidades do interior, workshops do SESC (em Campinas e São Paulo), algumas escolas da cidade

e também no II Fórum Internacional de Ginástica Geral (realizado pelo SESC SP em parceria com a UNICAMP) exibindo sempre, entre duas e quatro performances. Sendo assim, o grupo sentia falta de expor todo o seu repertório (que nos últimos anos havia se estendido vastamente) e a idéia de organizar um festival recebeu total apoio de todas as ginastas.

O “SIMMETRIA” tinha como foco principal apresentações de Ginástica Geral, contando com a participação das vinte e uma integrantes do grupo (apresentando suas onze principais criações coreográficas) e também, com a presença de grandes convidados como o Grupo Ginástico Unicamp e o Grupo Tempo (dirigido por Poliana Hadich).

Naquele ano, o grupo contava com a maior quantidade de integrantes de sua história; no entanto, nos últimos meses precedentes ao

festival, as ginastas tiveram de treinar sozinhas, apenas na companhia da auxiliar técnica Luciana Leme, uma vez que a treinadora Giovanna encontrava-se em seus últimos meses de gestação, não podendo, assim, comparecer com frequência aos treinos. Contudo, os preparativos e o festival foram realizados com excelência, contando especialmente com a colaboração da então diretora de Ginástica Rítmica do Clube Cultura e mãe de uma das ginastas, Maria Isabel Mandaji.

O “SIMMETRIA FESTIVAL” lotou as arquibancadas do Ginásio de Esportes do Clube Cultura, marcando as integrantes da equipe de forma indescritível, uma vez que o evento era uma conquista coletiva do grupo. Os grandes destaques da noite foram a coreografia “Fogo”, que marcou o primeiro encontro do grupo entre a Ginástica Geral e o circo aéreo (contando com a utilização de três tecidos acrobáticos); e também a coreografia “Aislin”.



Figura 48: Coreografia “Fogo” (Simmetria Festival), 2004

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

“Aislin” contava com uma composição coreográfica bastante simples, porém, representava grandes emoções para o grupo. Esta coreografia foi desenvolvida apenas pelas ginastas, durante os treinos em que Giovanna encontrava-se ausente. A técnica lamentara, anteriormente, o fato do grupo não possuir uma coreografia de “Cinco Aparelhos” (bastante tradicional nas apresentações de Ginástica Rítmica), e então, as integrantes decidiram desenvolvê-la, combinando exercícios que envolviam o manejo de bolas, arcos, fitas, cordas e maçãs. No momento da apresentação, Giovanna encontrava-se no alto das arquibancadas e não compreendia porque as garotas usavam um figurino que ela nunca vira antes (pois elas mesmas buscaram sua confecção); as ginastas se posicionaram em pé, no meio da grande quadra, enquanto a amiga

Sílvia Vieira lia à Giovanna, uma carta das mesmas, a qual parabenizava-a por seu primeiro filho, mas também lembrava-a de suas outras vinte e uma “filhas”. Após aquele momento, o SIMMETRIA FESTIVAL foi concluído com êxito.



Figura 49: Coreografia “Aislin” (Simmetria Festival), 2004

Fonte: Acervo pessoal de Lívia Penonne

“(…) eu chorei que nem uma condenada! Eu estava num momento super delicado, tinha acabado de ser mãe (…) sentei no último degrau da arquibancada e vocês se enfileiraram (…) e a Silvinha Vieira leu um texto que vocês escreveram (…) vocês falavam que eu era mãe de um menino, mas que antes de ser mãe de um menino, eu era mãe de vinte e uma meninas (…) e que se vocês estavam lá, era porque acreditavam em mim e porque eu acreditava em vocês, e que isso fazia diferença em nosso grupo. Na hora que vocês começaram a coreografia, eu não terminei de assistir porque comecei a chorar (…) Foi assim, uma emoção muito grande, outro momento marcante da minha vida.”
(Giovanna Sarôa, sobre a coreografia “Aislin”)

FLUXO: Os primeiros contatos com o palco...



Figura 50: Coreografia “Quinteto” (Espetáculo “FLUXO”), 2006
 Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

“[...] o que busco no teatro é a visão de um mundo em que o homem revele a si mesmo, uma cena que mostre ao homem os extremos que podem atingir suas emoções, que lhe dê consciência de seu potencial, do que ele poderia ser se a vida não lhe opusesse obstáculos” (LOPES, em FERRACINI, 2003, p.19).



Figura 51: Coreografia “Odisséia” (Espetáculo “FLUXO”), 2006
 Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

“FLUXO está constituído de várias cenas, ligadas entre si, reunindo elementos que compõem o movimento contínuo, onde tudo muda, tudo se transforma incessantemente. O tempo é feito de fluxo, passagem e fugacidade. Um fluxo nos transmite idéias, sensações e emoções que nunca são recebidas igualmente. É o inconstante. É o vir a ser. É o princípio lógico. Tudo flui, nada persiste nem permanece o mesmo.” (Folder Espetáculo)

“FLUXO” foi desenvolvido durante o ano de 2006, no qual o grupo (ainda mantido pelo Clube Semanal de Cultura Artística) buscou ousar um pouco mais e dedicar-se a criar um espetáculo próprio para ser apresentado em teatros, sendo este exibido nos dias 2 e 3 de dezembro do mesmo ano no Teatro TIM, em Campinas.

A idéia do espetáculo era não dividir as coreografias definindo temas para cada uma delas, mas sim, unir composições coreográficas criadas separadamente de forma fluida e contínua. Este espetáculo marcou um momento de grandes transições para o Ápeiron, que deixava para trás a tradição e rigidez da Ginástica Rítmica, porém buscando ainda incluir alguns elementos da mesma em suas performances. Sendo assim, com o apoio artístico de Odilon Roble, o grupo criou conexões entre coreografias novas ou reformulações de coreografias antigas, adaptando sua ginástica ao palco.

O espetáculo exibiu números de circo aéreo (trapézio triplo e lira) realizados pelas próprias ginastas, apresentando também algumas coreografias mais voltadas para a Dança e outras mais direcionadas à Ginástica Rítmica, com o uso de bolas e fitas (o que, infelizmente, não surtiu o efeito esperado no palco).

O grupo apresentava-se, naquela época, naturalmente dividido entre ginastas mais velhas e mais novas, o que se tornou bastante evidente ao longo do espetáculo e serviu para que um determinado grupo de garotas se recuperasse e se preparasse nos bastidores, enquanto outro executava a performance sobre o palco.

Uma vez que as garotas já haviam se acostumado com a heterogeneidade da Ginástica Geral e não possuíam o padrão corporal exigido em

grandes bailarinas, o grupo encontrou certa dificuldade para determinar um figurino que “disfarçasse” as imperfeições de seus corpos (afinal o palco as destacava muito mais do que as quadras) e os tornasse mais homogêneos. Optou-se por um figurino-base para todas as coreografias, ao qual seriam acrescentados acessórios ao longo do espetáculo.

Ao final dos dois dias de apresentação, o Grupo Ápeiron recebeu muitos elogios e também críticas diversas, as quais utilizou para aperfeiçoar-se para novos espetáculos e amadurecer a idéia de apresentar ginástica em palcos. “FLUXO” foi, sem dúvidas, uma grande conquista na história do grupo, um marco importante no processo transitivo; no entanto, agradar amigos e familiares sempre fora uma tarefa confortável, mas se as garotas quisessem realmente conquistar um público mais amplo, teriam de se esforçar mais. Não era possível olhar para fora, comparar-se a outros; o grupo deveria buscar o melhor de si, reconhecer seus erros, preparar-se melhor e principalmente, inovar.

“A gente era cem por cento quadra, fazia coreografias de Ginástica Geral para quadra, só de a gente ter partido para o teatro, para o palco, fazer um espetáculo mais duradouro, emendando uma coreografia na outra, tendo um tema comum entre elas, eu acho que isso já foi um grande passo.” (Camila Wan Dick)



Figura 52: Trapézio Triplo (Espetáculo “FLUXO”), 2006
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

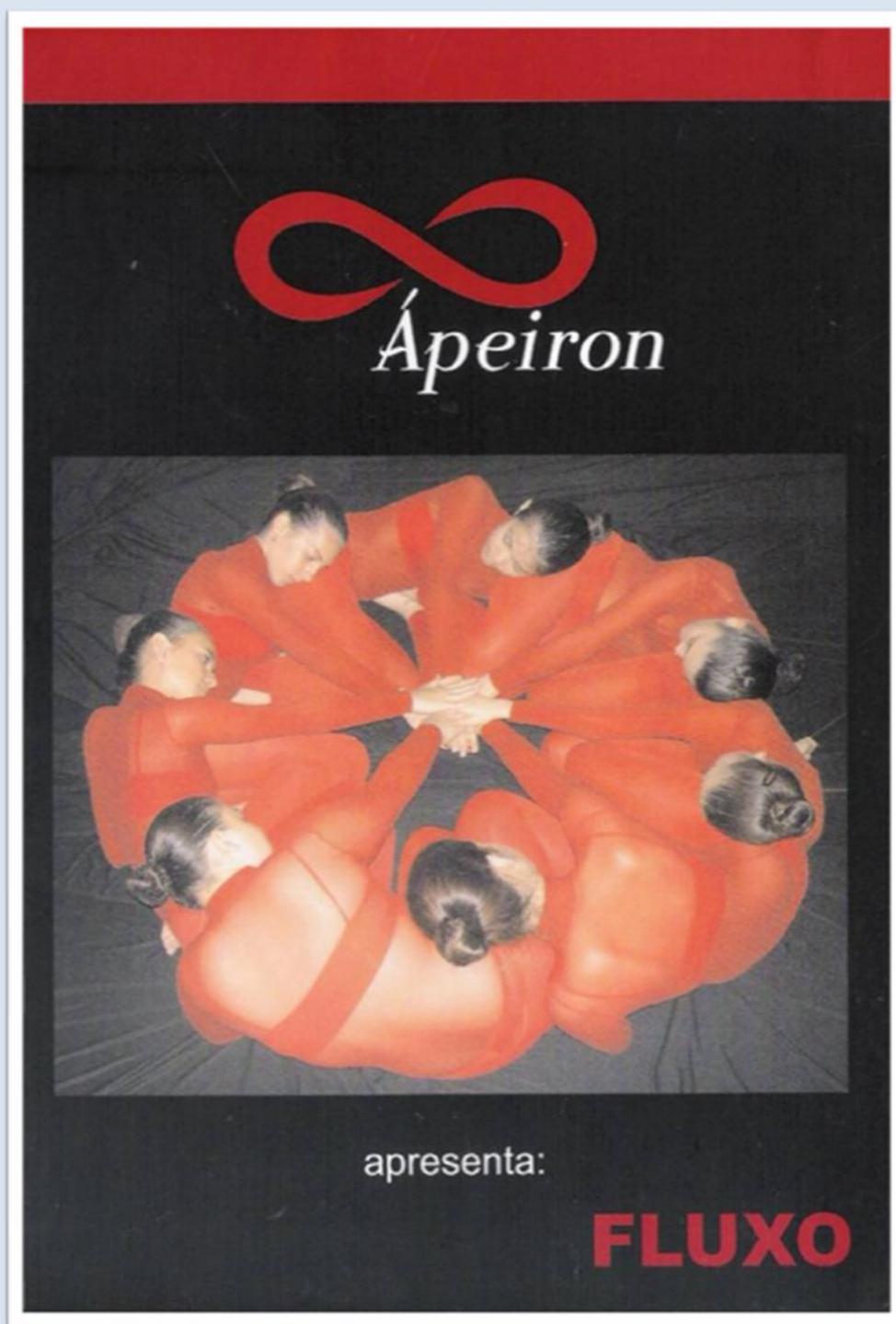


Figura 53: Folder do Espetáculo "FLUXO"
Fonte: Acervo pessoal de Luiza Rodrigues

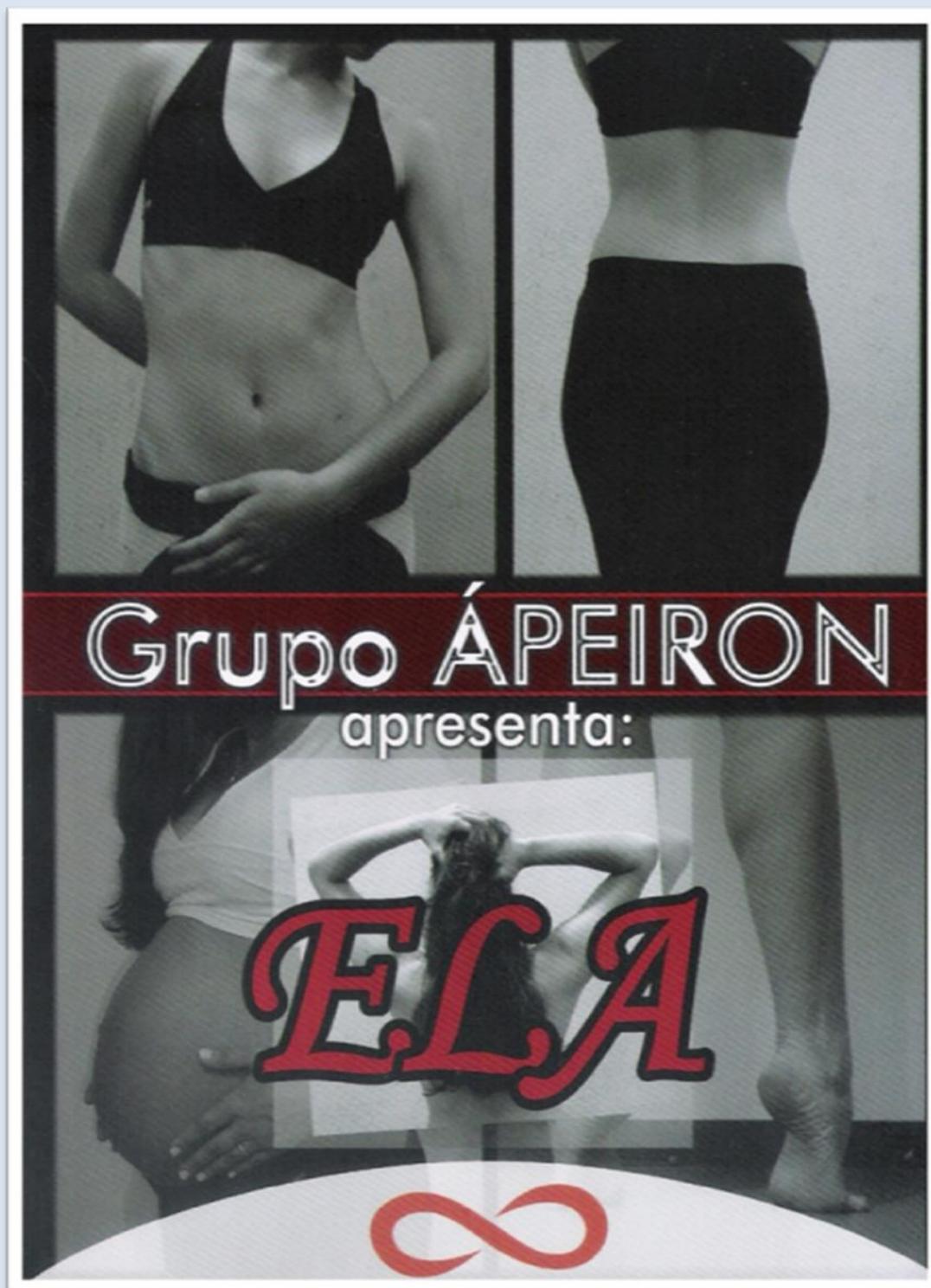


Figura 54: Folder do Espetáculo "ELA"
Fonte: Acervo pessoal de Lívia Oliveira

ELA – Uma ode à feminilidade...

O espetáculo “ELA” deu seus primeiros passos em 2006, mas foi realmente concretizado no ano de 2008, com duas apresentações no Teatro TIM. Depois de dois anos, o Grupo Ápeiron retornava aos teatros, desta vez com mais maturidade e preparo. Após toda a repercussão do espetáculo “FLUXO”, o grupo refletira sobre novos temas, buscando movimentos que expressassem sensações mais complexas, compondo um espetáculo mais íntegro.

“ELA” foi uma homenagem a toda e qualquer mulher, desde momentos mais frágeis até grandes batalhas e comichões do cotidiano. A composição de mais de dois anos tomou grande tempo das integrantes e, neste mesmo período, o grupo sofreu grandes transições, tais como a saída do Clube Cultura, o recebimento de bolsas-atleta na Cia. Athletica e o desligamento de diversas ginastas. Este também foi um momento de grandes conflitos entre as integrantes remanescentes (que haviam amadurecido e faziam questão de expressar suas opiniões e desejos) e a treinadora Giovanna que, muitas vezes, sentiu-se atacada com as atitudes das garotas. Desta forma, concluir um novo espetáculo em meio a apresentações diversas de Ginástica Geral pela região foi um grande desafio.

Este novo momento do grupo contou novamente com a presença de Odilon Roble, que colaborou com o espetáculo cedendo seu tempo e atenção em busca de novas criações. A princípio, firmaram-se alguns conflitos entre as garotas e o novo diretor artístico, uma vez que um medo natural de abandonar a Ginástica e entregar-se por demais à Dança pairava no ar.

O próprio Odilon comenta, em sua entrevista, sobre a delicadeza com a qual teve de se inserir no Grupo. Em suas palavras: “(...) o grupo de vocês (...) fica muito junto, faz muita coisa junto e vai criando uma espécie de auto-liderança, auto-gestão, em que é difícil uma



Figura 55: Ingresso do Espetáculo “ELA” (Teatro TIM)

Fonte: Acervo pessoal de Luana Lucas

pessoa de fora interferir. Mas, de maneira geral, acho que a gente se acertou, a gente conseguiu fazer o que precisava sem stress, sem briga (...)

No entanto, com sutileza, as tensões diminuíram e as relações fluíram com mais facilidade. Odilon ofereceu às ginastas diversos laboratórios e oficinas, para que estas refinassem seus movimentos sobre o palco, o que, num primeiro momento, mostrou-se bastante difícil para corpos tão enraizados na Ginástica.

Segundo Odilon, a coreografia “Sedução” tocou-lhe de maneira especial: “As coreografias do “Ela”, de uma maneira geral, me agradam mais do que os trabalhos anteriores. E dentro do espetáculo “Ela”, como eu disse, por energias diferentes, algumas coreografias me atingem. Eu gosto, praticamente, de todas as coreografias do “Ela” (...) Eu gosto muito (...) de uma que a gente chama de “Tango” [Sedução], por conta da energia feminina que tem, como o espetáculo se chama “Ela”, tinha uma interpretação do universo feminino, eu acho que naquela a gente conseguiu atingir isso, vocês, com técnica, conseguiram atingir isso (...). Eu me sinto menos participante daquela coreografia e é uma das que eu mais gosto, porque a energia feminina floresceu.”

Desta vez, o grupo optara por um figurino mais arrojado, composto por diversas trocas de roupa, cada uma correspondente ao tema da coreografia em questão, o que fez com que as garotas trabalhassem muito mais nos bastidores do que no espetáculo anterior; a cooperação entre as ginastas tornou-se essencial ao êxito da performance.

“ELA” não contou com apresentações circenses (tais como lira e trapézio), mas exibiu uma bela coreografia na qual as participantes mantinham-se presas a cordas fixas no teto do teatro (idéia que levou certo espaço de tempo para realmente funcionar). Outra inovação foi a exibição de projeções diversas no fundo do palco (preparadas por Odilon), todas relacionadas às suas respectivas coreografias, o que trouxe mais brilho e cor ao espetáculo.

Posteriormente, o grupo exibiu novamente o espetáculo no Teatro Municipal de Americana - SP, levando-o também para Florianópolis, onde deu início ao I Encontro Nacional Corpo e Educação Física (ENCEF). “ELA” representou para o grupo uma nova fase, uma oportunidade de expressar todos os sentimentos, anseios, aflições e alegrias de um grupo extremamente feminino.



Figura 56: Coreografia “Sedução”(Espetáculo “ELA”), 2008
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

“O espetáculo constitui-se de várias cenas ligadas entre si, reunindo elementos que compõem o cotidiano da mulher, desde a mais antiga até a contemporânea, representando sensações e sentimentos conscientes e inconscientes, buscando mudanças e respostas para uma vida melhor e um conhecimento de si mesma. A mulher se transforma sempre. A mulher é imprevisível. A mulher é cíclica e é também paradoxo. A mulher é essencial para dar continuidade à vida.” (Folder Espetáculo ELA).

"E quantos segredos traz o coração de uma mulher?" (Zé Ramalho - Sinônimos)



Figura 57: Coreografia "Submissão" (Espetáculo "ELA"), 2008
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

Mesmo durante os rígidos períodos competitivos, o processo criativo esteve presente no Grupo Ápeiron. Giovanna utilizava os treinos para realizar diversos “brainstorms” com suas ginastas, buscando novas idéias para músicas, movimentos, figurinos e materiais alternativos a serem utilizados nas novas coreografias.

Sobre a execução de coreografias, Bortoleto (2008, p. 175) afirma:

“[...] quando observamos uma coreografia em execução, somos capazes de decifrar quais foram as influências (esportivas, artísticas, culturais, etc.) que o grupo recebeu. Podemos ainda, identificar se houve uma construção coletiva da composição coreográfica ou se houve uma direção única (um coreógrafo, técnico).”

É importante ressaltar que nenhuma coreografia foi desenvolvida apenas pelas treinadoras, mas sim por todo o conjunto de pessoas presentes em sua criação, o que promoveu intensas trocas de idéias, discussões sobre divergentes opiniões, tentativas e erros em busca de novos movimentos, tudo enriquecendo cada vez mais o processo criativo.

Diversas pessoas ligadas ao grupo, tais como Luciana Leme, Rodrigo Mallet, Andrea Desidério e Odilon Roble colaboraram para o banco de idéias do Ápeiron ao longo dos anos. As opiniões externas foram de extrema importância para o desenvolvimento das coreografias, acrescentando às integrantes conhecimentos sobre o Circo, o Teatro, o Ballet Clássico, o Ballet Contemporâneo, a Capoeira, etc. No entanto, durante o processo de criação, as ginastas jamais abandonaram sua técnica enraizada na Ginástica Rítmica, uma vez que era justamente esta que garantia o êxito das apresentações. As garotas não se encaixariam na dança ou no teatro propriamente ditos, tampouco na ginástica competitiva de alto rendimento; sendo assim, as possibilidades de mesclar todos estes conhecimentos assegurou a sobrevivência do grupo no universo das apresentações.

Em seus movimentos, cada ginasta pode expor um pouco de sua própria personalidade, deixando fluírem energias próprias que transmitem sentimentos diversos ao público. Além disso, quando em sintonia (esta extremamente trabalhada nos treinos), o grupo deixa vazar um pouco de si,

expondo medos, sonhos, desejos e alegrias de um conjunto de pessoas que se unem e se escancaram diante de outras, buscando despertar emoções e arrancar aplausos.

Sobre o processo de construção coreográfica, Sbourquia (2008, p.148) discorre:

“O termo “construção coreográfica” é intencional, pois a coreografia é elaborada a partir desta perspectiva, em que o sujeito, agindo sobre a natureza, vai construindo o mundo histórico, o mundo de cultura, o mundo humano. E a construção se faz partindo desta relação. Os movimentos acontecem provenientes de uma intencionalidade, a qual se expressa por meio desses movimentos em forma de linguagem. A expressão corporal é uma linguagem de movimentos do corpo, que é a maneira pela qual as emoções, os sentimentos, as idéias se extravasam por meio dos movimentos. O ser humano sente necessidade de se relacionar com o mundo, de expressar o que sente, e o movimento é uma de suas linguagens”.

Equívocos e decisões acertadas fazem parte do processo de criação e também durante as apresentações. No entanto, como comenta Camila Wan Dick, há sempre uma aprendizagem, independente dos erros cometidos. Em suas próprias palavras: “Todas as coreografias que a gente fez, tanto as melhores como as piores foram grandes aprendizagens, sabe? E de todas eu levo coisas boas, coisas ruins, coisas que eu sei que eu posso melhorar e eu acho que é assim que se constrói mesmo, tem que passar pelo ruim para chegar no bom, entendeu?”

Assim, ao longo de sua trajetória, o Grupo Ápeiron produziu trinta e duas coreografias, sobre as quais discorreremos a seguir:

Conjunto de Cordas (1996)

Esta foi a primeira coreografia oficial do grupo, composta por todas as integrantes. Explorando o manejo do aparelho oficial corda, as garotas buscavam divulgar a prática da Ginástica Rítmica no Clube Semanal de Cultura Artística com apresentações em eventos do mesmo.



Figura 58: Coreografia “Cinco Aparelhos”, 1997

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

maças e fita. Acompanhada por músicas latinas, a coreografia era realizada por todas as integrantes da equipe.

Pára-Quedas (1998)

Realizada em conjunto com as bailarinas do Grupo Gesto, de Odilon Roble. Coreografia na qual as ginastas do Clube Cultura trajavam um figurino (composto por saia e collant) verde, enquanto as componentes do Grupo Gesto vestiam o mesmo figurino na cor preta e, todas interagem com um grande tecido que remetia ao formato de um paraquedas.



Figura 59: Coreografia “Para-Quedas”, 1998

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Bicho de Sete Cabeças (1999)

Trata-se da primeira coreografia na qual o grupo mesclou o uso de materiais oficiais da G.R (maças) com materiais alternativos (barangandãs feitos com jornal e papel crepom). Esta idéia contou com diversas atualizações técnicas, coreográficas, de figurino e maquiagem, e foi apresentada por várias ginastas diferentes ao longo dos anos. Embalada ao sucesso de Zé Ramalho, “Bicho de Sete Cabeças”, a produção agradou ao público pelo convite à possibilidade do material alternativo e pelo uso de uma canção nacional. Esta composição foi estreada pela equipe de ginastas do Colégio Progresso Campineiro, em 1999, no Clube Campineiro de Regatas e Natação; no entanto, foi transferida para a equipe do Clube Cultura e, após algumas mudanças, foi novamente apresentada no SESI Amoreiras, em Campinas, numa performance claramente desastrosa e insatisfatória, que seria, mais uma vez, reconstruída e melhorada.

Quarteto (2001)

Formada por Fernanda Roscito, Isabela Daros, Livia Oliveira e Paula Kasten, quatro integrantes do grupo e também alunas do Colégio Progresso Campineiro (o que lhes possibilitava ensaios fora do espaço do Clube Cultura), tratava-se de uma coreografia de mãos livres construída em conjunto com ritmos irlandeses tradicionais. Nesta coreografia, foram aplicados diversos exercícios da G.R que exploravam principalmente a flexibilidade das garotas.

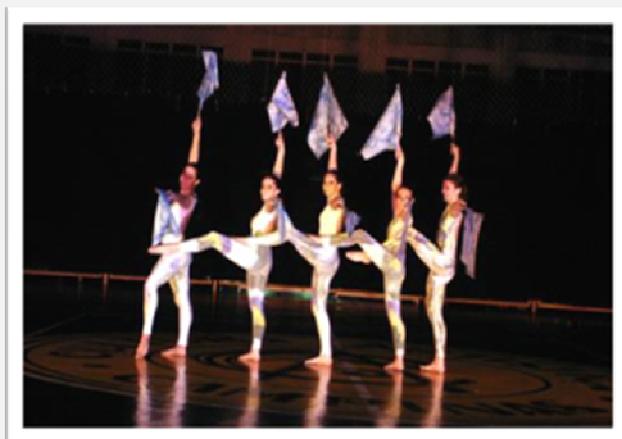


Figura 60: Coreografia “Odisséia” (Simmetria Festival), 2004

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

Odisséia (2001)

Uma construção que sofreu diversas adaptações ao longo do tempo, contando primeiramente com o uso de alguns aparelhos oficiais da G.R (sendo estes: arcos, maças e fitas adaptadas para uma versão dupla), além do manejo de bandeiras, e posteriormente, reduzindo-se apenas ao uso de

maças e bandeiras, combinadas com exercícios de mãos livres. “Odisséia” exibiu diferentes ritmos musicais e, junto de “Bicho de Sete Cabeças”, foi apresentada em festivais europeus. Mais tarde, em 2006, esta mesma coreografia seria adaptada a uma nova música, para compor o espetáculo “FLUXO”.

“Tem aquelas coreografias que, tecnicamente não são tão boas, que a gente montou quando o grupo tava começando, [...] mas que me marcaram e eu gosto delas porque os momentos foram marcantes, por exemplo: as coreografias que a gente levou pra Europa, a “Odisséia” e o “Bicho”; a “Odisséia”, por exemplo, se a gente assistir hoje [...] pra gente é super simples, são movimentos ginásticos super simples, que eram bem executados, bem sincronizados, mas que, com certeza hoje a gente tem capacidade de fazer muito além daquilo, mas eu gosto muito delas” (Carnila Wan Dick)

Tango (2002)

Coreografia desenvolvida após o retorno das ginastas dos festivais europeus Landsstævne (DK), Festival Del Sole (IT) e Summer Festival (ESP). Ao som de uma das faixas da trilha sonora do longa-metragem Moulin Rouge (2001), “El Tango de Roxxane”, o grupo desenvolveu uma coreografia mais sensual, com figurinos bastante distantes daqueles utilizados no cenário competitivo (também adaptados ao longo das mudanças do grupo) apresentando o manejo de fitas e maçãs, além do uso de longos tecidos, manipulados em duplas, como material alternativo.

Isabel Mandaji fala sobre como se emocionou ao assistir a coreografia: “Eu amo o “Tango” (...) o “Tango” foi o que me marcou, olhando da marquise do Cultura, lá de cima (...) aquela blusinha transpassada, aquela calça (...) era meio rasgada, presa, não sei, mas amo aquilo.”

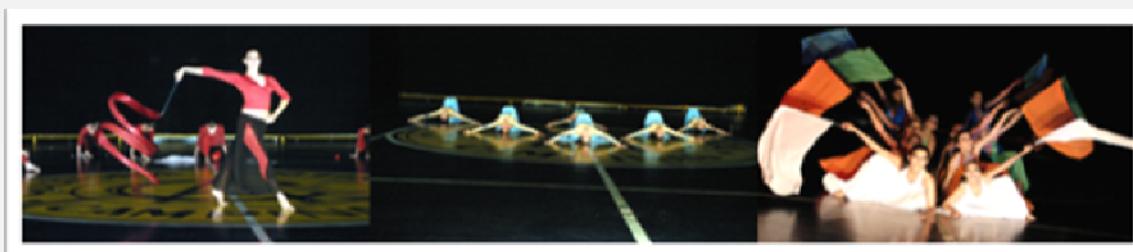


Figura 61: Coreografia “Tango” (Simmetria Festival), 2004
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

Figura 62: Coreografia “Água” (Simmetria Festival), 2004
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

Figura 63: Coreografia “Conexão” (Simmetria Festival), 2004
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

Batucada (2003)

Composição coreográfica de apenas um minuto, desenvolvida para a noite de gala do Curitiba International Cup, composta de exercícios de mãos livres inseridos numa música de ousadas percussões. Foi apresentada no evento por vinte das vinte e uma ginastas integrantes do grupo, uma vez que o regulamento do festival permitia no máximo, vinte indivíduos em quadra naquela noite.

Airuf (2003)

Desenvolvida por Camila Wan Dick, Livia Oliveira e Priscilla Silva, uma coreografia de mãos livres que explorava formações em trio e habilidades como flexibilidade e força, em composição com a agressividade e explosão de uma das grandes faixas da banda Blind Guardian.

Fogo (2003)

Coreografia desenvolvida visando mesclar elementos do circo aéreo (tecido acrobático, neste caso) e da Ginástica Rítmica, apresentando o manejo de fitas e também movimentos com o uso de um material alternativo chamado de “casulo”, formado por um arco envolto por um grande tecido, fazendo uma alusão ao elemento fogo. A princípio, o grupo tentou utilizar uma máquina que movimentava tecidos coloridos durante a coreografia, mas isto prejudicou sua estética e qualidade. Posteriormente, o tecido aéreo foi retirado de sua composição coreográfica, uma vez que não poderia ser instalado em todos os lugares onde o grupo se apresentava.

Terra (2003)

Esta composição coreográfica tomou como base os mesmos princípios da “Batucada”, estabelecendo a relação entre os movimentos gímnicos e o elemento terra, embalados ao som de fortes percussões. Com a utilização do aparelho oficial maçã, as ginastas exibiram exercícios explosivos e ágeis, demonstrando habilidade no manejo do material e também flexibilidade, potência e resistência para a execução dos movimentos de mãos livres. Ao longo do tempo,

esta coreografia sofreu cerca de três alterações drásticas em seu figurino, entretanto, as alterações técnicas foram mínimas.

Água (2004)

Criada a partir de uma nova proposta, “Água” inovou em ritmo e figurino. Trata-se da primeira coreografia lenta desenvolvida pelo grupo, com movimentos leves e delicados e participação de apenas seis ginastas. Baseou-se, principalmente, em movimentos do Ballet Clássico, mas não deixou de lado as raízes gímnicas do grupo. Apresentou-se como um desafio para as ginastas por dois motivos: o figurino contava com longas saias (com as quais as garotas levaram certo tempo para familiarizarem-se) e as integrantes selecionadas para sua execução eram aquelas mais acostumadas a apresentar coreografias explosivas e com fortes expressões faciais. O trabalho com estas oposições, certamente, colaborou para o amadurecimento das ginastas.

Conexão (2004)

Composta pelas ginastas mais novas do grupo, esta coreografia explorou intensamente a flexibilidade e graciosidade das garotas, apresentando vestidos de diversas cores em seu figurino e também, a manipulação de bandeiras como materiais alternativos. A leveza da música, o rico trabalho com cores e as diferentes formações em quadra tornaram a coreografia inovadora.

Giovanna Sarôa comenta a criação desta coreografia, não muito estimada pelo Grupo: “(...) foi uma época, uma viagem nossa (...) eu queria uma coisa linda, esvoaçante, um vestido, eu acho que toda ginasta sonha em dançar com um vestido (...) aquela bandeira, aquele vestido, é tudo de ruim (risos) (...) Foi o maior erro nosso (...) não é a que eu mais odeio, mas é a mais engraçada, é um “mico” do Ápeiron”.



Figura 64: Coreografia “Quinteto de Fitas” (Simmetria Festival), 2004

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

Quinteto de fitas (2004)

Criada pelas ginastas Camila Wan Dick, Livia Oliveira, Marília Mendonça, Nayara Mandaji e Priscilla Silva, esta coreografia baseou-se na força, flexibilidade e potência das ginastas para desenvolver exercícios ágeis e diferenciados, combinando a estética do manejo de fitas (aparelho oficial da G.R) com

as novas possibilidades da G.G, ao som dos violinos de Vanessa Mae. Este quinteto exigiu extrema cooperação entre suas criadoras e foi exibido pela primeira vez em 2004, no “Simmetria Festival”. Posteriormente, a coreografia foi adaptada para os palcos: a utilização das fitas foi abandonada, cedendo lugar a elementos do Ballet Contemporâneo (acrescentados por Odilon Roble) e Priscilla Silva (que neste período, deixara de treinar, pois cursava Educação Física na cidade de São Carlos) foi substituída, com excelência, por Beatriz Tukada Melo. O “Novo Quinteto” foi apresentado ao público em 2006, no espetáculo “FLUXO”.

Aislin (2004)

Coreografia desenvolvida pelas ginastas e pela auxiliar Luciana Leme na ausência de Giovanna durante os meses finais de sua gravidez. Aproveitando a distância da treinadora e seu desejo de desenvolver uma coreografia de Ginástica Rítmica com os cinco aparelhos oficiais da modalidade (bola, arco, maça, corda e fita), as garotas desafiaram seus próprios corpos e construíram uma homenagem à futura mãe Giovanna. Às mesmas, também coube a escolha da música e do figurino. A estréia de “Aislin” deu-se no fechamento do “Simmetria Festival”, após a leitura de uma carta das ginastas para a treinadora, a qual se emocionou sem discrições nas arquibancadas do Clube Semanal de Cultura Artística. Em 2006, a construção coreográfica foi

alterada pela treinadora e passou a exhibir apenas o manejo de “casulos” e círculos de vime, fato que não agradou muito as integrantes do grupo.



Figura 65: Coreografia “Aislin” (Simmetria Festival), 2004
 Fonte: Acervo pessoal de Lívia Penonne

“[...] a gente pegou todos os elementos por uma causa muito legal que foi fazer um presente pra Gi, apesar de eu ter apresentado ela uma vez só [...] eu achei que foi uma das coisas mais legais que a gente fez.” (Priscilla Silva)

Cajon (2005)

Com uma proposta mais ousada, o grupo, pela primeira vez, desenvolveu uma coreografia com o uso de um instrumento musical: o cajon, uma caixa retangular de ressonância utilizada para amplificar percussões. Ao som de um grande sucesso da dupla dinamarquesa Safri Duo, “Cajon” emocionou o público, que agora assistia não só às performances físicas, mas também um conjunto de garotas encontrando a própria sintonia ao tocar um instrumento durante a coreografia. Ao longo do tempo, houve alterações na composição da mesma, visando dificultar seu nível técnico.

A integrante Melissa Vosgrau discorre sobre a primeira vez em que assistiu a coreografia, quando ainda não era integrante do Ápeiron: “Quando

você assiste o "Cajon", você tem a idéia de que aquelas mulheres ali, elas são extremamente fortes e invencíveis, e que nada pode derrotá-las. A forma como



Figura 66: Coreografia "Cajon" (IV Fórum Internacional de Ginástica Geral), 2007
 Fonte: Acervo pessoal de Caroline Dubard

vocês dançam e fazem ginástica, assim, integrando o instrumento e o movimento é... hipnotiza o público, (...) Só vendo pra acreditar que é possível ser tão criativo e fazer uma coreografia de ginástica geral com um instrumento musical.”

A ex-integrante Paula Bíglio também comenta: “(...) essa me marcou porque fazia pouco tempo que eu tinha saído do grupo e para mim a coreografia mostrou a evolução da equipe. Os movimentos eram novos para mim, uma coisa mais voltada para ginástica geral, muita expressão corporal e bastante interpretação também. Nossa, foi lindo, foi novo, foi o início de uma nova fase da equipe, foi o que eu senti quando vi”.

Psy (2006)

Primeira coreografia desenvolvida em conjunto com uma música eletrônica, “Psy” exibia as habilidades coletivas do grupo, explorando novos movimentos e formações. A coreografia permaneceu suspensa durante dois anos, uma vez que Giovanna visava apresentá-la sobre um palco e a mesma não se encaixava no espetáculo “FLUXO”



Figura 67: Coreografia "Insensatez" (Espetáculo "ELA"), 2008
 Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

(2006). Desta forma, o grupo reduziu-a e deu-lhe o nome de “Insensatez”, para que fizesse parte do acervo coreográfico do espetáculo “ELA” (2008).

Segundo Camila Wan Dick: “As coreografias que a gente fez (...) para o “Ela”, com certeza, (...) são tecnicamente perfeitas, foram muito bem ensaiadas, sincronizadas, (...) o “Psy” é uma que eu tenho um carinho muito grande, que eu adoro fazer, participar, que é forte, expressiva (...)”

Bachianas (2006)

Tratava-se de primeira coreografia de ginástica exibida no espetáculo “FLUXO”, sendo apresentada após um número de Trapézio Triplo executado pelas próprias ginastas. Com o uso de bolas oficiais da G.R, as ginastas mais novas do grupo utilizaram de toda sua flexibilidade para desenvolverem uma nova performance ao som de uma versão instrumental de “Dancing Queen”, clássico da banda ABBA.

Elástico (2006)

Componente do espetáculo “FLUXO” num primeiro momento, “Elástico” foi levada às quadras posteriormente. O fato de oito ginastas apresentarem-se o tempo todo presas a fitas elásticas agradou públicos diversos. Houve certa dificuldade para o desenvolvimento da coreografia, uma vez que os movimentos eram limitados pelo material utilizado.

Fluência (2006)

Tratava-se de uma coreografia simples que apresentava o manejo de fitas oficiais da G.R e xales vermelhos (material alternativo), enaltecendo certo romantismo como tema. O grande erro do grupo foi levá-la aos palcos no espetáculo “FLUXO”, uma vez que a limitação de espaço prejudicou a técnica e a estética da apresentação.



**Figura 68: Coreografia
“Elástico” (Espetáculo
“FLUXO”), 2006**

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

**Figura 69: Coreografia
“Fluência” (Espetáculo
“FLUXO”), 2006**

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

**Figura 70: Coreografia
“Última Improvisação”
(Espetáculo “FLUXO”), 2006**

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

Última Improvisação (2006)

Coreografia que encerrava o espetáculo “FLUXO” com apenas alguns segundos realmente ensaiados. No restante do tempo, Giovanna permitiu que as ginastas expressassem o que sentiam no momento através de movimentos. Desta forma, os movimentos improvisados revelavam muito sobre a personalidade e os sentimentos de cada uma.

Seca (2007)

Criada ao som da faixa “Poeira”, da banda brasileira Cordel do Fogo Encantado, “Seca” tratava-se de uma coreografia de mãos livres que se tornou um desafio de resistência física para as ginastas. Mantendo todas as garotas em cena por tempo integral, a composição apresentava exercícios de força, flexibilidade e agilidade, mesclando elementos da dança, da ginástica e da capoeira. O figurino exibia os chamados “fuxicos”, pequenos círculos de pano colorido, que enfeitavam a saia e o collant das garotas.

Pandora (2008)

Marcando o início do espetáculo “ELA”, esta coreografia utilizou músicas gregas em sua composição. Com um figurino extremamente refinado, as garotas realizavam movimentos leves e sincronizados, simbolizando a criação de Pandora, que segundo a mitologia grega, trata-se da primeira humana do universo.

Figura 71: Coreografia “Pandora”
(Espetáculo “ELA”), 2008
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne



Figura 72: Coreografia “Cotidiano”
(Espetáculo “ELA”), 2008
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

cotidiano das mulheres, combinando uma performance banhada de ironia com uma música irreverente e ainda, divertidas imagens projetadas no palco do espetáculo “ELA”.

Sedução (2008)

Ao som da faixa “Perfume”, da banda Bajo Fondo Tango Club, as integrantes mais velhas do grupo vestiram longos vestidos vermelhos e combinaram a ginástica aos movimentos sensuais do estilo musical, exibindo a criação nos palcos de “ELA”. A coreografia exigiu muita expressão das participantes, entre elas, algumas já familiarizadas ao estilo, devido à criação de “Tango”, em 2002.

Submissão (2008)

Também denominada “Trança” pelas ginastas, trata-se de uma das composições do espetáculo “ELA” que, com extrema sutileza, tratava da vida difícil e limitada de muitas mulheres ao longo do tempo, limitação esta que se dava pelo preconceito no ambiente de trabalho, na família, dentro de casa, nas ruas, etc. Esta mesma limitação foi representada na coreografia por cordas amarradas ao teto do teatro e presas, como grandes e femininas tranças, aos cabelos das garotas.

Cotidiano (2008)

Utilizando a experiência com maçãs (aparelho oficial da G.R) para manejar rolos de macarrão de madeira, as integrantes da coreografia exibiam satiricamente o

Gestação (2008)

Fazendo uma alusão à limitação de movimentos de um feto durante o período de gestação, a coreografia exibida duas imagens: quatro garotas movimentando-se de forma sincronizada e exibindo o desejo de expansão, enquanto outras duas movimentavam-se em constante contato, simbolizando irmãos gêmeos. “Gestação” foi exibida no espetáculo “ELA”, apresentando um figurino simples, de cor próxima à tez das ginastas, remetendo à nudez do feto.

A integrante Luíza Rodrigues comenta seu afeto pela composição: “A que eu mais gosto de dançar é a “Gestação”, do espetáculo “Ela” por que é um momento (...) de muita concentração, (...) e eu consigo dançar para mim”.

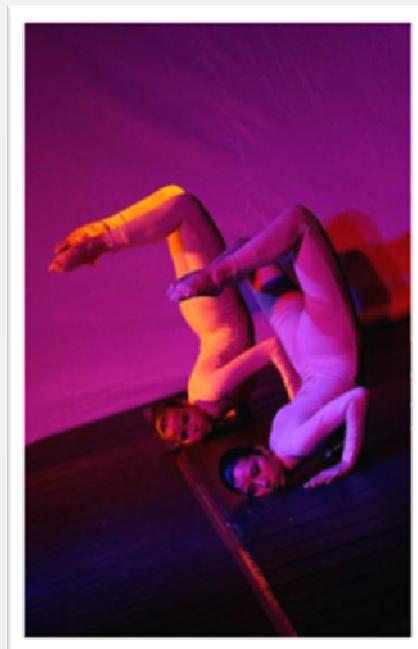


Figura 73: Coreografia “Gestação” (Espetáculo “ELA”), 2008

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

Inocência (2008)

Trata-se de um solo da integrante Caroline Dubard, exibindo exímia flexibilidade e equilíbrio por entre as demais integrantes do grupo que, deitadas no chão com expressões neutras, movimentavam-se de forma mínima, mas em grande sintonia, direcionando todo o foco à solista. “Inocência” contou com projeções de um jardim, e também fotos da própria Caroline, trazendo mais diversidade ao espetáculo “ELA”.



Figura 74: Coreografia “Inocência” (Espetáculo “ELA”), 2008

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

"(...) ela [Inocência] é a prova da simetria e da união do Ápeiron (...) e ela me emociona porque mostra a transformação de vocês, porque vocês se entregam ao Ápeiron de uma forma (...) tão profunda, mostrada nessa coreografia. Não teve uma vez que vocês tenham apresentado e tenham errado. Vocês respiram juntas, estão deitadas, não se olham, não têm visão nenhuma para a outra, tem meninas que chegam a fazer essa coreografia de olhos fechados, e é uma entrega tão profunda que vocês fazem tudo sem errar, e isso é maravilhoso (...) vocês se conhecem de uma forma tão única quando estão dançando, que os movimentos fluem sem que vocês precisem se olhar; isso é o crescimento, isso é a simetria do Ápeiron, isso é união e é quando eu digo que vocês dançam com a alma, é assim."
(Giovanna Sarôa)

Plenitude (2008)

Ao som do reconhecido DJ Moby, o grupo desenvolveu uma coreografia com diversas formações em conjunto para o espetáculo "ELA", exibindo movimentos simples e sincronizados. O grande desafio das garotas foi integrar o início da coreografia, o qual exigia muito equilíbrio e habilidade, em aproximadamente um minuto no apoio invertido conhecido como "parada de cabeça".

Camila Wan Dick discorre sobre seu solo em "Plenitude": "(...) é uma coreografia fraca, mas que tem um solo, uma parte minha que eu me sinto muito bem de estar fazendo aquilo, acho que eu faço muito bem e tenho um retorno muito legal do público e de vocês mesmo (...)"

Amadurecimento (2008)

Solo da integrante Livia Oliveira, representando as dificuldades e angústias pelas quais todo indivíduo passa em seu processo de amadurecimento. A coreografia integrou o acervo coreográfico de "ELA" e contou com a participação

de algumas garotas do grupo, auxiliando a solista e acrescentando emoção ao momento.

Ciclo (2008)

Última composição coreográfica de “ELA”, “Ciclo” contou com uma trilha sonora brasileira e a participação de todas as ginastas do grupo, exibindo, através de movimentos, sua amizade e união. O nome da coreografia simbolizava a vida cíclica, entretanto imprevisível, das mulheres.

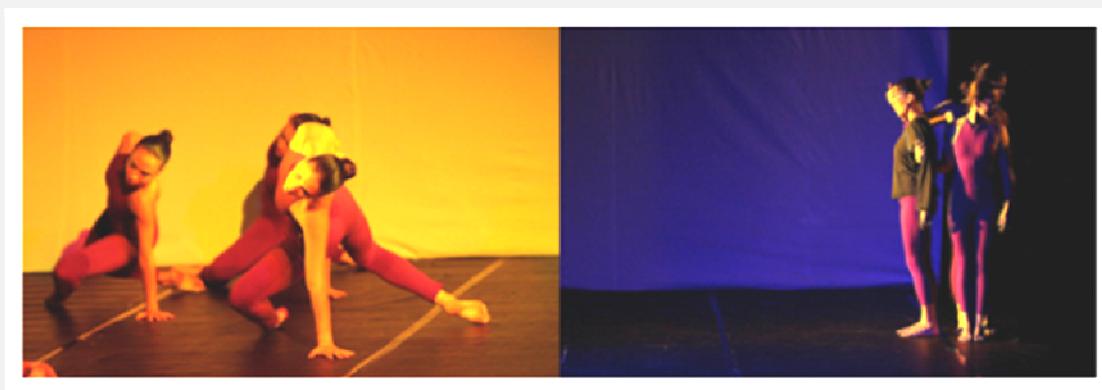


Figura 75: Coreografia “Plenitude”
(Espetáculo “ELA”), 2008
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

Figura 76: Coreografia
“Amadurecimento” (Espetáculo “ELA”),
2008
Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

Mandala (2010)

A mais nova criação do grupo exhibe diversos movimentos em círculo, contando com o manejo de arcos de alumínio preenchidos com fitas elásticas, material que possibilita um grande desenvolvimento do processo criativo.

Existem dúvidas quanto ao fato do Grupo Ápeiron ser diferenciado por abrir espaço demais para os sentimentos de suas integrantes, ou talvez, abrir esse espaço pela razão de ser um grupo diferente dos outros. A verdade é que a regra “Deixe seus problemas, tristezas e aflições fora do treino” nunca foi realmente obedecida no grupo, e os sentimentos, tanto bons quanto ruins, ao invés de serem excluídos, foram usados nos treinos, transformando-se em gestos, em movimentos carregados de intenção.

Muitas integrantes (inclusive a treinadora Giovanna Sarôa) inseriram-se no grupo durante momentos difíceis de suas vidas, passaram por fases ruins durante o período de treinamento ou mesmo abandonaram o grupo devido a complicações pessoais; ainda assim, durante as dificuldades, todas encontraram apoio do restante do grupo, ainda que em momentos de perda, as garotas fizessem questão de esclarecer e demonstrar suas mágoas e ressentimentos. Cada garota encontrou grandes companheiras, grandes amigas, grandes irmãs.

Desta forma, encontrar nos treinos (e nas reuniões externas) um refúgio da monótona fúria do cotidiano e um porto seguro onde limitações físicas, grandes idéias e sentimentos confusos eram permitidos e compreendidos, fez com que o grupo, em doses homeopáticas ou em escala industrial, influenciasse as garotas tanto no aspecto físico quanto nas relações pessoais.

Segundo Maria Isabel Mandaji, mãe de uma das integrantes do grupo: “(...) eu vejo que minha filha cresceu muito, muito, muito, no lado social, foi aprender a fazer amizade, aprender a respeitar (...) a ser uma pessoa muito melhor; não tem preço que pague”.

Além destas mudanças, a vivência da ginástica ao longo dos anos influenciou, de certa forma, a escolha profissional de algumas integrantes do grupo. Dentre as onze ginastas presentes no Ápeiron atualmente, sete optaram por cursar a faculdade de Educação Física e quatro delas trabalham ou já trabalharam na área de treinamento em Ginástica Rítmica. Certamente a

escolha por esta área da Educação Física não se encontra sob total influência do Grupo, mas traz consigo uma carga passional das garotas pela modalidade.

A integrante Priscilla Silva, ex-treinadora de um grupo de Ginástica Geral em São Carlos e hoje professora de Ginástica Rítmica no Clube Semanal de Cultura Artística, revela em sua entrevista: “Muito do que eu sou, da professora que sou, eu devo a todos os anos de ginástica que eu tenho, porque faço muito o que a Giovanna fez com a gente com as minhas alunas; não porque eu não tenha outra opção, mas porque acho que é a melhor opção, e porque é a opção que eu treinei, eu sei como é, eu gosto”.

Algumas integrantes, além de provarem alterações em aspectos pessoais, encontraram, no exercício físico exigido pelos treinos, situações desafiadoras que instigavam seus próprios corpos a superarem limites, como afirma a participante Melissa Vosgrau, em sua entrevista: “(...) foram tantas mudanças (...) eu achava que não ia dar conta porque já estava com trinta e dois anos (...), nunca tinha me visto como vocês me viram, nunca achei que pudesse, também, ser exemplo para alguém (...), minha auto-estima cresceu. Eu amadureci, eu cresci como pessoa, além de me sentir completamente realizada por fazer o que gosto”.

Sendo assim, a presença de cada ginasta no grupo veio acompanhada de uma mudança em suas vidas, fosse esta pessoal, profissional, fisiológica ou mesmo motivacional, o que transformou cada encontro entre as garotas numa livre experiência de reflexão e aprendizado.

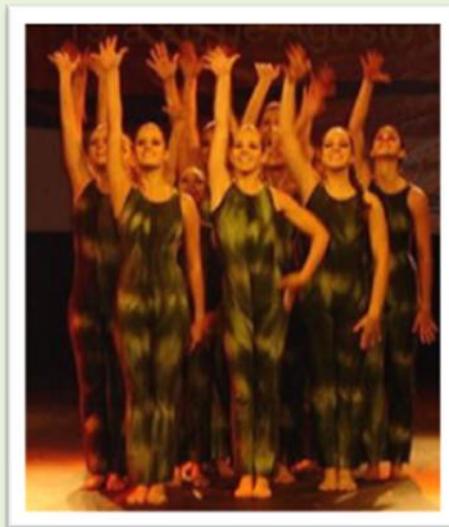


Figura 77: Coreografia “Terra” (III Fórum Internacional de Ginástica Geral), 2005
Fonte: Acervo pessoal de Luiza Rodrigues

“Como amiga eu me sinto... no melhor lugar. São as... ai, vou chorar aqui... são as melhores amigas que eu já tive, sem palavras. Como ginasta (...) feliz eu estou, e até o momento que eu continuar feliz, que estiver me fazendo bem, eu vou continuar.”(Luiza Rodrigues)

“(...) a ginástica marcou de verdade a minha vida (...) você sabe, você já me viu chorar nos bastidores, lá com vocês (...) é uma lembrança que até hoje me emociona, me faz tanta falta.”(Paula Biglia)

Influências



Figura 78: Apresentação nas Olimpíadas da Cia. Athletica (Unidade Campinas), 2008

Fonte: Acervo pessoal de Luiza Rodrigues

Este trabalho, em primeiro lugar, representou diversos desafios: o resgate de mais de dez anos de fatos e acontecimentos que tiveram de ser analisados com certa imparcialidade, o encontro com outras versões de uma mesma história, o “reviver” de tristezas e felicidades, a extensa pesquisa de documentos e fotos e, principalmente, o fato de narrar uma história que compreende o próprio narrador e pessoas de grande valor para o mesmo.

Deve-se salientar a importância do registro de uma jornada que mostrou que o Grupo Ápeiron acrescentou seu modo de pensar a ginástica aos cenários artístico e ginástico da cidade de Campinas, difundindo seus conhecimentos a outras regiões e países, modificando também, claramente, a vida das ginastas que por ele passaram. Sendo assim, espera-se que este trabalho, além de deixar um legado registrado para qualquer indivíduo que se interesse pelo assunto, incentive outros grupos, sejam estes de Dança, Teatro, Ginástica Geral, entre outros, a fazerem o mesmo, narrando sua própria jornada, ilustrando sua própria arte.

Talvez as ginastas do Ápeiron não tenham conquistado todas as medalhas possíveis, no entanto, não houve uma coreografia de sua história que deixou de arrancar belos aplausos do público. O Grupo Ápeiron sofreu grandes impactos, quedas de rendimento e perdas inestimáveis em seu plantel, mas também foi capaz de enfrentar cada obstáculo com união e alinhamento de expectativas, tornando-se apto a sobressair-se em meio à turbulência do cotidiano, sem deixar-se cair na rotina. As garotas e a treinadora estabeleceram a liberdade como objetivo, exercitando, dia-a-dia, a capacidade de expressar sentimentos diversos através de movimentos.

O ato de contar uma história deve, principalmente, ativar processos imaginativos, formar figuras no pensamento daqueles que a absorvem, instigar raciocínios e conclusões próprias na mente do ouvinte/leitor e, acima de tudo, gerar emoções. Logo, se este trabalho foi capaz de gerar emoções em pelo menos um indivíduo, pode-se afirmar certamente que a empreitada foi válida.

Entretanto, a mais bela de todas as reflexões é que, neste trabalho, conta-se uma história que ainda não terminou e que, talvez, no coração

de muitas pessoas que passaram pelo Grupo, nunca termine. Conta-se uma história que ainda depende de pensamentos, idéias, sentimentos, atitudes e movimentos; uma história que não para por aqui, que deve ser contada, vivida e contada novamente. Algo que não se resume ou se define, algo em constante construção e reinvenção. Uma história que é, por si só, ilimitada... É Ápeiron.

Figura 79: Equipe de G.R do Clube Semanal da Cultura Artística, 1999

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

Figura 80: Grupo Ápeiron no Costão do Santinho (Florianópolis – SC), 2009

Fonte: Acervo pessoal de Livia Oliveira



Figura 81: Ginastas em Curitiba – PR, 2005

Fonte: Acervo pessoal de Luiza Rodrigues

Figura 82: Aquecimento para a coreografia “Odisséia” (Festival Del Sole), 2002

Fonte: Acervo pessoal de Giovanna Sarôa

“É um caminho ainda a ser feito (...) uma vez que a nossa filosofia de trabalho é essa, precisa incluir essa energia, então eu acho o nome [Ápeiron] feliz por causa disso, exige coisas de vocês, não fala do que foi, mas fala do que vocês querem ser.” (Odilon Roble)

“Eu sinto que a história do Grupo é minha história também (...) é engraçado como a gente se envolve com as coisas, quando está tudo bem a gente se envolve e quando não está, a gente se afasta, mas a gente nunca deixa de fazer, (...) é como se fosse um vício, que você tem crise de abstinência se você não faz (...) com a ginástica, eu sou viciada no Ápeiron (...). A gente não é um bando de individuais e eu acho que isso faz diferença, isso faz diferença não só para gente, mas para o que a gente mostra para o público quando a gente apresenta.” (Priscilla Silva)

“(...) eu me preocupo muito mais com a equipe do que comigo, (...) eu me dōo completamente (...) às vezes eu esqueço de olhar para mim (...)” (Luiza Rodrigues)

“(...) o sorriso de vocês na hora que tem uma coreografia é assim, ímpar (...) parece que vocês transbordam aquele amor na hora que vocês dão aquele sorriso.” (Maria Isabel Mandaji)

“(...) cada momento, cada gesto, cada passo precisa ter um sentimento verdadeiro, para a gente poder emocionar quem assiste, para ser emocionante para quem faz também, entende? E eu fui perdendo esse brilho (...) Eu sinto muita falta da companhia das meninas (...) foram ombros amigos que eu tive. Também sinto falta da dor quando eu me esforçava para ser mais flexível, até isso faz falta (...)” (Paula Biglia)

“O Ápeiron não é o mesmo, desde quando começou para o que está agora. Tem muito a conquistar, (...) esse desenvolvimento acontece naturalmente, conforme o grupo vai enxertando novas pessoas, novos olhares sobre ele (...) as experiências de todo mundo se somam e dá um resultado diferente.” (Ivanise Maldonade)

“É a minha vida, sem dúvida alguma. O Ápeiron é minha essência, sou eu, sou eu realizada. (...) É a história da minha vida, é minha transformação, (...) não vivo sem o Ápeiron. (...) A gente está ligada pelos mesmos motivos: prazer, amor e dança.” (Giovanna Sarôa)

**Figura 83: Coreografia “Ciclo”
(Espetáculo “ELA”), 2008**

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne



**Figura 84: Coreografia
“Bachianas” (Espetáculo
“FLUXO”), 2006**

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

**Figura 85: Encerramento do Espetáculo
“ELA”, 2008**

Fonte: Acervo pessoal de Livia Penonne

“O Ápeiron, para mim, é tanta coisa, mas ao mesmo tempo uma só.

Olhando pelo lado artístico, o Ápeiron é liberdade. Tudo que é realizado no grupo permite, a nós integrantes, uma liberdade criativa, ser uma parte do trabalho. Não tem peso, não tem culpa, não tem disputa, é o trabalho artístico de um todo.

Olhando pelo lado pessoal, o Ápeiron para mim é amor, amizade, privilégio, alegria.

Não dá para imaginar como minha vida seria sem o Ápeiron, com certeza bem diferente, pois este possui a magia, a força de acrescentar “vida” à sua vida. Grande parte da pessoa que eu sou hoje se deve ao Ápeiron, pelas amizades construídas lá e pelos aprendizados, não de ginástica, mas de vida que o Ápeiron traz. Seus laços são indestrutíveis.

Por fim, posso resumir que o Ápeiron, para mim, é uma parte de mim mesma”.

(Luana Simão Lucas, integrante do Grupo Ápeiron, por e-mail, em 10/04/2010).

Referências Bibliográficas

BORTOLETO, M. A. C. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na Ginástica Geral. In: PAOLIELLO, E.. **Ginástica Geral: experiências e reflexões**. Campinas: Phorte Editora, 2008. Cap. 8, p. 169-186.

COSTA, A. A. et al. Uma viagem de estudo pelo universo da ginástica: Relato de experiência. In: III FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 3., 2005, Campinas. **Anais do III Fórum Internacional de Ginástica Geral**. Campinas: Sesc / Unicamp, 2005. p. 221 - 224.

FERRACINI, R. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. 300 p.

FONTANA, R. A. C. O corpo aprendiz. In: CARVALHO, Y. M.; RÚBIO, K. **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Editora Hucitec, 2001. p. 52.

GIL, A.C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1996.

LOPES, S. P. Prefácio. In: FERRACINI, R. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 19.

LOURENÇO, M. R. A. O julgamento na Ginástica Rítmica. In: GAIO, R. **Ginástica Rítmica: Da iniciação ao alto nível**. Jundiaí: Fontoura, 2008. Cap. 2, p. 33.

MESQUITA, R. M.. A expressão na Ginástica Rítmica: um fenômeno a ser desvelado. In: GAIO, R. **Ginástica Rítmica: Da iniciação ao alto nível**. Jundiaí: Fontoura, 2008. Cap. 3, p. 55.

PAOLIELLO, E. Nos bastidores da Ginástica Geral: o significado da prática. In: PAOLIELLO, E. **Ginástica Geral: experiências e reflexões**. Campinas: Phorte Editora, 2008. Cap. 9, p. 193-214.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1989.

ROBLE, O. J. A Ginástica Geral como foco expressivo. In: FORÚM BRASILEIRO DE GINÁSTICA GERAL, 1., 1999, Campinas. **Anais do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral.** Campinas: Unicamp/ Sesc, 2000. p. 55 - 60.

SARÔA, G. **A história da ginástica rítmica em Campinas.** 2005. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física Unicamp, Campinas, 2005.

SBORQUIA, S. P. Construção coreográfica: o processo criativo e o saber estético. In: PAOLIELLO, E. **Ginástica Geral: experiências e reflexões.** Campinas: Phorte Editora, 2008. Cap. 7, p. 147-165.

SILVESTRE, N. **Esumbaú, pombas urbanas!:** 20 anos de uma prática de teatro e vida. São Paulo: Instituto Pombas Urbanas, 2009. 144 p.

SOARES, C. L. **Imagens da Educação no corpo.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

TOLEDO, E.; SCHIAVON, L. M. Ginástica Geral: diversidade e identidade. In: PAOLIELLO, E. **Ginástica Geral: experiências e reflexões.** Campinas: Phorte Editora, 2008. Cap. 10, p. 219-236.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

TRUZZI, L. **Gymnastikhojskølen I Ollerup:** Uma experiência. 1999. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação Física Unicamp, Campinas, 1999.